Estratégia Concursos

Aula 00

Conhecimentos Específicos p/ SEED-TO (Professor - Sociologia) Com Videoaulas - 2020 - Pré-Edital

Autor:
Sergio Henrique

06 de Maio de 2020

SUMÁRIO

00. Bate Papo Inicial..... 2
01. Como estudar? 3
1.1. Ler, Ler e Ler. Qual o Limite? "Calo nos olhos" 3
1.2. Estratégia 4
1.3. Posso pular a teoria e ir direto para os Exercícios? 4
1.4. Identificar as palavras chaves e pontos fundamentais do conteúdo 5
1.5. Pensar em movimento e usando o máximo da imaginação 5
1.6. Tentar Conectar as Informações 5
1.7. Procure disciplinar-se ao máximo e ser persistente 6
1.8. Estrutura do Curso 6
2. O Conhecimento. 8
3. Conhecimento Racionalista..... 13
4. Conhecimento Empírico..... 14
4.1. John Locke (1632-1704) 14
4.2. David Hume (1711-1776) 15
5. A Psicanálise como Forma de Conhecimento. 16
6. Immanuel Kant e a Crítica da Razão. 17
7. Exercícios. 18
8. Considerações Finais. 55

00. BATE PAPO INICIAL

Olá, querido aluno. É com muita alegria que o recebo para discutirmos os Aspectos Geográficos do Brasil e do Mundo nesta jornada em busca de um excelente resultado no Concurso da **Secretaria de Educação do Tocantins (SEED-TO).**

É com grande prazer que venho desenvolver com vocês a disciplina de **Sociologia**. Sou o professor Sérgio Henrique, Historiador, licenciado em geografia e professor de Ciências Humanas no **Estratégia concursos** e em cursos presenciais. Sou professor há mais de 15 anos e já ministrei várias disciplinas, do ensino fundamental ao superior, como servidor público e na rede privada. Nos primeiros anos de carreira focando em ensino e aprendizado para jovens e empreendedorismo.

Você está tentando ingressar no **serviço público**, uma área atrativa por várias razões: Tanto pela estabilidade e possibilidades de progressão na carreira quanto pelo viés cidadão de ocupar uma vaga de um cargo importante para a sociedade. São várias as motivações pelas quais você está tentando. Um salário melhor, estabilidade para cuidar da família... Enfim. São tantas coisas. E elas devem te acompanhar a todo o momento de preparação. É onde você encontrará **motivação** nas horas mais difíceis, quando até mesmo podemos ter a ideia absurda de desistir. A motivação é o combustível necessário para a sua preparação. Motivação associada à disciplina de estudos é a chave do sucesso.

Motivação, Disciplina e Estratégia formam o tripé do sucesso e estou aqui com a equipe **Estratégia Concursos** para levá-lo ao sucesso e alcançar seus objetivos. Vamos logo, pois não temos tempo a perder. Nosso tempo é valioso, mas fique tranquilo. O nosso conteúdo tem uma quantidade razoável de assuntos, mas que distribuídos em várias aulas, bem detalhadas. Vamos estudar tudo, bem detalhadamente, então pode conter a ansiedade. Tudo vai correr bem e foi devidamente distribuído para que você possa alcançar seu almejado sucesso. Leia e releia suas aulas. Faça e refaça seus exercícios. A repetição é a mãe do aprendizado. A memorização deve vir da repetição dos exercícios e do acúmulo das leituras. É a melhor forma de memorizar o conteúdo. Aos poucos e por meio da repetição.

O nosso objetivo aqui é nos concentrarmos nos principais conceitos sociológicos, analisar as principais avaliações dessa disciplina que é no direito fundamental para a compreensão das relações sociais e as instituições que norteiam a organização da sociedade. Os fundadores da sociologia todos eram bacharéis em direito e a sociologia surge como reflexão sobre a sociedade e as leis que a regulam. **A disciplina foi incluída, oficialmente, em currículos de cursos de nível superior em 1994**. O conteúdo cobrado é bastante sintético. Os fundamentos da sociologia, seus fundadores, e conceitos específicos ao direito. Vamos conhecer os exercícios aplicados pelas bancas para que possamos recortar com maior precisão esta disciplina tão ampla, que irá gabaritar.

01. COMO ESTUDAR?

Darei aqui algumas dicas que servem para que você reflita sobre como pode melhorar seu desempenho. É importante lembrar, que estudar não é uma receita de bolo e cada um encontrará a forma mais adequada para sua aprendizagem. Estas dicas ajudam a todos, e servem para outras disciplinas, então vale a pena conhecê-las e praticá-las. Se encontrar dificuldades, não se preocupe: Estudar dá muito trabalho. Quanto mais estudar, mais fácil o processo. Se está começando agora a uma rotina mais pesada persista, pois aos poucos perceberá o seu desenvolvimento. Costumo dizer que poucas pessoas (quase ninguém) gostam de estudar, mas todos gostam de aprender e conhecer. Aristóteles dizia que a educação tem raízes amargas, mas seus frutos são doces.

1.1. LER, LER E LER. QUAL O LIMITE? "CALO NOS OLHOS"

A essa altura do campeonato já deve ter estudado tanto que já deve sentir seus calos. A prova está próxima, mas a dica vale para a construção de seus hábitos de concurseiro. Todo estudante deve buscar desenvolver seus hábitos de leitura. Isso mesmo, hábito. A leitura é uma habilidade que se desenvolve com o treino. Nossa! Então é possível desenvolver a leitura? Claro que sim. A prática diária leva ao domínio. A leitura é uma habilidade, mas também uma competência, ou seja, pode ser trabalhada e desenvolvida. Competência é mais que conhecimento: Podemos traduzi-la como um saber que te permite a tomada de decisões e está ligada a capacidade de julgar e de avaliar. Por que nos inspirarmos na teoria da educação? Para sabermos que de acordo com os estudos acadêmicos específicos e as histórias de superação que conhecemos, é importante te lembrar que você é capaz, e terá melhores resultados seguindo o lema do Estratégia Concursos "O segredo do sucesso é a constância no objetivo", pois a cada dia você subirá um degrau no caminho da aprovação e da realização dos seus sonhos. Pode ser que você nunca se torne um grande leitor por prazer, mas deve dominar ao menos a leitura objetiva. Refiro-me a ler conteúdos para captar as ideias centrais, mas daí voltamos ao início, pois esta habilidade só se desenvolve com leitura. Podemos começar com uma pequena meta diária de 30 minutos e aos poucos aumentamos. Cada um deve adequar a sua disponibilidade ao tempo que possui e está acostumado a estudar, então se já estuda uma hora, aumente aos poucos até chegar a duas, assim por diante. Não demora tanto tempo assim para engatar a primeira marcha e é essencial para todas as disciplinas. Então organize sua rotina de modo a aproveitar da melhor forma possível cada raro momento disponível.

1.2. ESTRATÉGIA

Não são raras as questões que você consegue resolver com a leitura atenta do enunciado e das alternativas. Quando é um tema que o seu domínio é falho, podemos excluir as alternativas erradas encontrando erros teóricos, anacronismos, incongruências com a pergunta. Podemos acertar a questão ou ao menos aumentar muito suas chances de sucesso. Como sua preparação envolve muita dedicação e estudos isso exigirá muito de seu corpo e então fique de olho na sua saúde. Os gregos antigos tinham o ideal do ***"men sana in copore sano"***, ou seja, mente sã em um corpo são. Tem que pensar na sua saúde e seu sono para poder encarar numa boa o exame e conseguir se manter concentrado e ativo por horas seguidas. Outro elemento que não podemos esquecer é: cuidado com o orgulho do concurseiro. O que quero dizer com isso? Alguns assuntos são difíceis e são cobrados em questões fáceis e rápidas, e outros assuntos muito simples são abordados de modo complicado e vão exigir um longo tempo. **O que fazer? Pule! Se gastou seus minutos e não saiu do lugar, abandone a questão.** É comum querer resolver até chegar na resposta um conteúdo que você estudou muito, mas caiu uma questão demorada. O que fazer? Pule! Se gastou seus 3 minutos e não saiu do lugar, abandone a questão. Cuidado para não deixar em branco. Marque logo e passe adiante. Voltar depois para marcar outra é a pior saída. Ponto é ponto, adiante você pode encontrar várias questões fáceis e empacou em uma.

1.3. POSSO PULAR A TEORIA E IR DIRETO PARA OS EXERCÍCIOS?

Se tiver algum domínio da matéria sim, mas é muito importante ler toda a teoria. Em geral os candidatos aprovados em concursos conseguiram desenvolver o hábito de leitura. As vídeo aulas são muito importantes, mas não substituem a leitura e resolução de exercícios. O ideal é PDF + Vídeo aulas + Exercícios. Mas eu sei que seu tempo é escasso, então eu sugiro que priorize sempre a leitura do PDF e resolução de exercícios, de todo o tipo e claro da banca. Aqueles assuntos que tiver maior dificuldade assistam as suas videoaulas, mas se já possui algum conhecimento, ou se deixou para começar estudar em cima da hora, vá direto aos exercícios, pois são a melhor forma de conseguir assimilar grande quantidade de conteúdo em pouco tempo. Como o tempo é escasso e o conteúdo grande, sugiro que tente ir direto para os exercícios nas matérias que sente que conseguirá acompanhar.

1.4. IDENTIFICAR AS PALAVRAS CHAVES E PONTOS FUNDAMENTAIS DO CONTEÚDO

Imaginar que você está explicando para uma criança é muito bom. Ela vai precisar de muitos detalhes, mas o essencial não são nomes e números. Eles devem estar lá, mas não são o principal, pois o são os raciocínios e conceitos.

1.5. PENSAR EM MOVIMENTO E USANDO O MÁXIMO DA IMAGINAÇÃO

Como se um filme estivesse passando. Quanto mais dinamismo você usar melhor. Cores são essenciais para usar todas as habilidades de aprendizagem do seu cérebro. Assuntos mais complicados, por exemplo, você deve fazer uma anotação toda colorida, com desenhos e esquemas, mas fique de olho, pois aqueles que são feitos por você tem uma grande eficácia e é melhor que sejam feitos à mão, pois isso vai ajudar muito na memorização do conteúdo. Isso ajuda sua criatividade como um todo aproveite para se imaginar tomando posse, trabalhando no seu cargo, pois geralmente dá muita motivação para buscar forças na hora do cansaço.

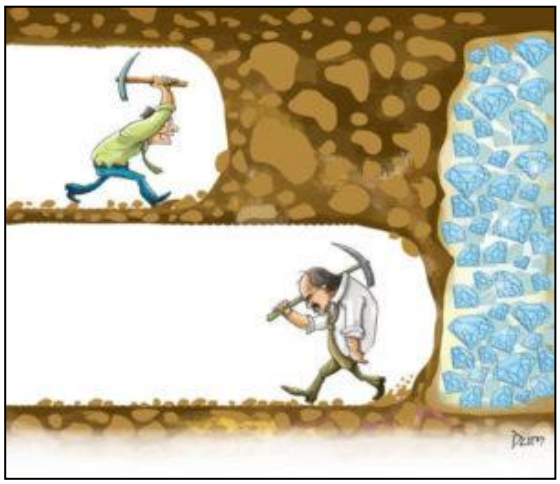
Anotar com esquemas, desenhos ou fazer músicas são métodos muito mais eficientes do que longas anotações no caderno. Muitos concursos ainda se mantêm tradicionais na forma de elaborar suas questões e exigem bastantes detalhes.

1.6. TENTAR CONECTAR AS INFORMAÇÕES

Em geral já farei isso e é tranquilo, pois não se tratam de conexões muito complexas, mas do tipo associar que somos um dos mais importantes produtores agrícolas mundiais e ligar isso com o passado agroexportador, os principais produtos que cultivamos, associar o cultivo ao lugar, clima e os impactos no meio ambiente.

1.7. PROCURE DISCIPLINAR-SE AO MÁXIMO E SER PERSISTENTE

Tenha uma boa alimentação, uma boa noite de sono e mantenha seus hábitos saudáveis, pois são importantes para o seu desempenho, e tenha um horário de estudos. A persistência nos objetivos é a chave do sucesso. Mas cuidado e não mude radicalmente seus hábitos dias antes da prova, pois há pessoas que resolvem de repente entrar na academia e radicalizar na mudança alimentar, mas a essa altura, sem mudanças bruscas.



1.8. ESTRUTURA DO CURSO

1. São 10 aulas bem completas que abordam todos os itens do seu edital. Seguindo a linha do tempo, vamos contextualizar a Sociologia e os Estudos Sociológicos.
2. O curso é feito com exclusividade para atendê-lo, então ao longo da preparação, podemos atualizá-lo constantemente, e você pode enviar seu feedback. Inclusive sugerindo temas que você acha importantes e não foram abordados. Mesmo que não caiam, você saberá que não precisam se preocupar com aquele assunto.
3. Teremos também videoaulas em que vou destrinchar o máximo de detalhes importantes para você. Sempre entre em contato através do fórum de dúvidas, pois é parte essencial do seu processo de preparação.
4. No dia da prova, se puder sair com o caderno, envie logo para o meu e-mail para que eu possa analisá-las e verificar possíveis recursos. A banca somente libera os cadernos de

provas para os inscritos, então é importante que você me envie, para que possa ser analisada a possibilidade de interposição de recurso.

Favor nos envie as questões da prova através do e-mail: **professorsergiohenrique@yahoo.com.br**

Você já leu minhas dicas de estudo no início do material. São importantíssimas e irão colaborar em sua caminhada de concurseiro. Fique de olho:

- ✓ Leia e releia até não aguentar mais.
- ✓ Se você imprimir, destaque os pontos mais importantes. Vou ajudar grifando alguns trechos, mas a sua seleção é fundamental, pois seu cérebro gravará mais conteúdos assim.
- ✓ Assista as videoaulas, mas a prioridade é o livro digital. Então se estiver apertado e será obrigado a escolher, foque com certeza no livro.
- ✓ Para decorar alguns dados vale de tudo: imprimir os mapas e gráficos, escrever na janela, gravar sua voz e ouvir. Neste processo não tem muito segredo: árvores mentais e muito estudo. Muitos alunos usam o tempo do ônibus ou de volante para escutar as aulas. Vou sintetizar ao máximo o conteúdo e você irá a poucos dias dominar o essencial.

2. O CONHECIMENTO.

Podemos afirmar que o conhecimento é uma característica exclusivamente humana. Um animal para sobreviver necessita unicamente da utilização de seus instintos (capacidade biológica), como por exemplo, o peixe a nadar, a abelha criar sua colmeia e seu mel ou então uma baleia amamentar seu filhote. Diferentemente o ser humano cria diferentes formas para sua sobrevivência, pois ao interagir diretamente com o meio ambiente, produz condições para produção de uma colheita, construção de seu abrigo para se proteger das adversidades temporais ou então podemos pensar na construção de uma grande indústria o que demanda muito cálculo, raciocínio lógico e organização social. Ao citar esses exemplos podemos voltar a afirmação acima, pois um animal não tem a capacidade de apreensão e transmissão daquilo que chamamos conhecimento. Contudo a construção da realidade humana não se da de forma simples, sua complexidade leva o ser humano a aceitar a existência e apropriação de diferentes tipos de conhecimentos a longo da história.

A característica humana que pode ser a única espécie capaz de produzir e se apropriar do conhecimento, se faz presente ao longo da história social humana. Devido a isso podemos afirmar que o conhecimento passou por diferentes formas de elaborações, sistematizações e também de transformações.

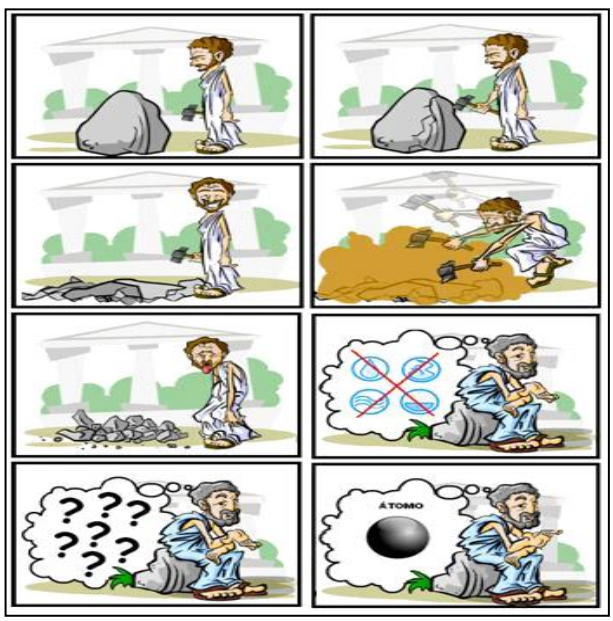
Na Antiguidade, mais precisamente na Grécia Antiga, alguns pensadores (filósofos) buscaram através da elaboração e sistematização do pensamento estabelecer respostas aos problemas reais, considerando a existência de diferentes culturas, mas assimilando e modificando seus conteúdos. Dentro desse período ocorre a presença de diferentes filósofos que buscaram a produção do conhecimento com o objetivo de explicar ou então de problematizar algo. Podemos citar **Heráclito de Éfeso** que dizia “não podemos banhar-nos duas vezes no mesmo rio, porque as águas nunca são as mesmas e nós nunca somos os mesmos”, com essa frase elaborou a ideia de que a realidade nos remete à harmonia dos contrários na qual não para de nos transformar uns nos outros. Sendo assim para Heráclito há a existência da diferença entre o conhecimento oferecido pelos nossos sentimentos (ilusório) e o conhecimento alcançado por nossos pensamentos (realidade). Em contraponto a ideia de pensar e agir, **Parmênides de Eleia** elaborou o

pensamento e a afirmação de que tudo o que existe é eterno, imutável, indivisível e imóvel, sendo assim só podemos pensar naquilo que é idêntico a si mesmo. Em seu pensamento afirmava que nossos sentimentos nos revelam algo falso e enganoso nos demonstrando um mundo em constante mudança, onde tudo é contrário de si mesmo, assim o calor vira frio, a água vira vapor e doce se transforma em salgado, com isso só podemos pensar um ser em sua identidade profunda e permanente. Podemos aqui observar semelhanças com o pensamento de Heráclito, já que sentir e pensar são coisas distintas, porém o que os diferencia é a oposição entre esses sentidos, na qual esses percebem mudanças impensáveis, mas o pensamento conhece a realidade, ou seja, a identidade e a imutabilidade.

Outro filósofo que veio a contribuir com o conhecimento existente em relação ao pensar e agir foi **Demócrito de Abdera**, esse que elaborou o atomismo ou a filosofia anatomista. Dentro dessa perspectiva do conhecimento, para explicar a natureza, Demócrito afirma que tudo é movimento, na qual através de combinações mecânicas e causais os seres surgem por meio da composição atômica, onde se transformam por novas organizações e desaparecem pela separação deles. A diferença estrutural e a combinação atômica provocam a variedade, desaparecimento e transformações dos seres e com isso através de nossos órgãos dos sentidos (sensações) passamos a perceber os efeitos combinados dos átomos que, em si não possuem tais qualidades. Nessa perspectiva somente o pensamento pode conhecer os átomos, que são invisíveis para nossa percepção sensorial.

"O ser é e não pode não ser e o não-ser não é e não pode ser de modo algum."

Parmênides de Eléia



A charge remete à importância do conhecimento produzido por Demócrito de Abdera em relação ao átomo.

Outro filósofo que contribuiu com a questão do conhecimento foi **Sócrates**, esse que afirmava que para conhecermos a verdade devemos distanciar as ilusões dos sentidos, pois esses nos possibilitam somente as aparências das coisas, as imposições das palavras e a multiplicidade das opiniões já que essas são contraditórias e relativas de pessoa para pessoa e em um mesmo indivíduo. Sendo assim o conhecer esta ligado ao exame das contradições das aparências e das opiniões, para então poder deixa-las de lado e assim passar da aparência para a essência, da opinião para o conceito.

Em oposição ao pensamento socrático havia na Grécia Antiga o que chamamos de ***Sofismo!***

> *"Os sofistas foram os primeiros a fazer da filosofia uma ocupação prática. Eles eram menos preocupados com conceitos como ser e mais preocupados em ensaiar a arte da argumentação[...]. Cada homem possuía suas próprias percepções e nenhuma outra pessoa podia realmente decifrar qual dessas percepções era a "verdadeira", dizem os sofistas. Não há princípios derradeiros do universo que não possam ser descobertos, e todos os filósofos que tentaram descobrir quais deles são essenciais perderam seu tempo. O conhecimento é derivado dos sentidos e não revela o verdadeiro, o universal ou o imutável no mundo. Os sofistas desenvolveram a doutrina de sucesso e satisfação mundanas como objetivos da vida humana.*
>
> *De acordo com os sofistas, nunca podemos saber a "verdade" ou o "bem", porque o "homem é a medida de todas as coisas".[...] Entretanto, é a confiança no argumento lógico que faz da filosofia o que ela é, não outra coisa. A filosofia veio explicar os princípios do universo, negando que nada verdadeiro pode ser realmente conhecido."*

BERGMAN,Gregory. *Filosofia de banheiro.* São Paulo: Madras, 2004,p. 18-19.

O conteúdo da charge nos remete à argumentação como instrumento de convencimento, método utilizado pelos sofistas.

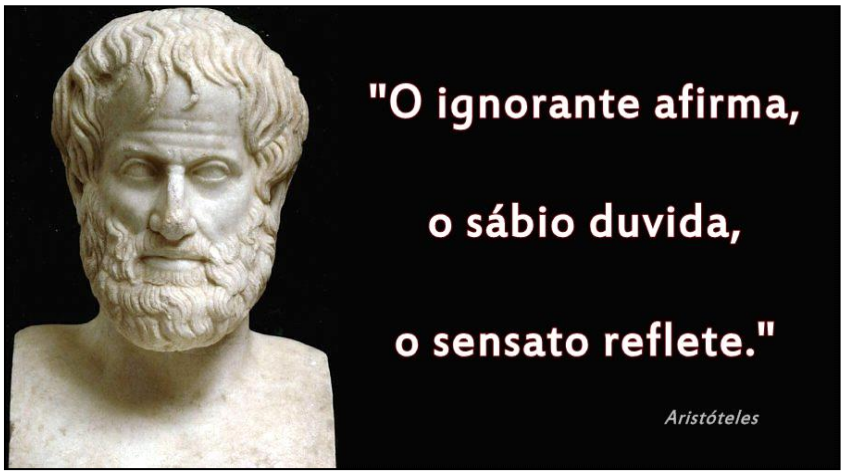
Platão propôs a busca pelo conhecimento através das opiniões contrárias e dos debates, buscando levantar diferenças entre o conhecimento verdadeiro e a ilusão. Para isso elabora a sistematização do conhecimento da seguinte forma:

- ✓ **Conhecimento sensível** - composto pela crença que nos remete a confiança no conhecimento sensorial, na qual como o percebemos e pela opinião, ligada àquilo que nos ensinaram ou então sobre o que pensamos conforme nossas sensações e lembranças. Esse tipo de conhecimento está ligado à ideia do Mito da Caverna (Ilusão).
- ✓ **Conhecimento inteligível** – composto pelo raciocínio, esse que nos leva ao exercício do pensamento purificando nossas sensações e opiniões. Segundo Platão esse movimento nos prepara para a intuição intelectual, essa que conhece a essência das coisas. A chegada à intuição intelectual nos leva ao que esse filósofo chama de ideia, essa que é a realidade verdadeira e assim conhecendo-as temos o conhecimento verdadeiro.

Platão utilizava da **ironia** e da **maiêutica** de Sócrates para trabalhar e percorrer sua argumentação de forma **dialética**, essa que caminha no sentido da intuição intelectual de uma essência ou ideia.

Aristóteles elaborou a classificação de sete formas ou graus de conhecimento, sendo eles: sensação, percepção, imaginação, memória, linguagem, raciocínio e intuição. Esses que através do acúmulo de informações em vez de uma separação entre o conhecimento sensível e o intelectual, promove uma continuidade entre eles. Para esse filósofo a organização das sensações nos levam a percepções que permitem a imaginação. A junção e organização dessas três características nos remetem à memória, à linguagem e ao raciocínio.

As relações entre as formas de conhecimento estabelecem diferentes formas de conhecimento tendo um grau maior ou menor de verdade. Para Aristóteles a intuição está ligada a aquilo que é indemonstrável, ou seja, princípios e causas primeiras da realidade em si, sendo a condição para todas as demonstrações e raciocínio. As demais formas de conhecimento se apresentam através da indução ou dedução.



3. CONHECIMENTO RACIONALISTA.

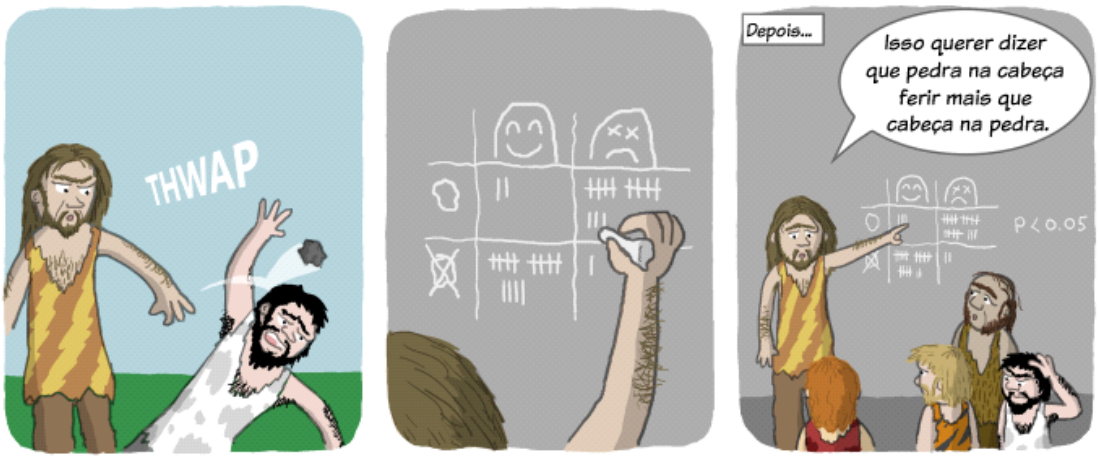
Essa corrente do conhecimento filosófico surgiu para confrontar as ideias religiosas da época, já que os fenômenos religiosos eram tidos como verdade única. O Racionalismo defende e prioriza a ideia de que a razão é o fundamento do conhecimento verdadeiro, apoiada em si mesma sem apoio de experiências sensíveis, sendo a fonte de todo conhecimento. Logo, somente a razão pode nos levar a conhecimentos universais válidos, pois os sentidos e as experiências nos levariam a ideias confusas, logo o conhecimento não se limita aos fatos, penetra e ultrapassa a essência dos mesmos, acreditando na existência de um mundo intrinsecamente verdadeiro capaz de ser intuito pela inteligência humana.

Essa forma de conhecimento pode ser vista por três viés, sendo a primeira a metafísica, abordando um caráter racional da realidade resultando em um mundo ordenado de forma lógica e sujeito a leis, a epistemológica, que contempla a razão como fonte de conhecimento verdadeiro e a ética, essa que proporciona destaque a racionalidade.

Vamos destacar dentro dessa corrente do conhecimento o pensamento de **René Descartes** (1596-1650). Em sua obra *Discurso do Método* conduz a razão para conduzir a verdade nas ciências, expondo uma série de argumentos que permitem à filosofia fundamentar a estrutura do saber, na qual Descartes entende que a razão é uma capacidade que o homem possui para examinar os dados que os sentidos captam. Sendo assim esse pensador elabora quatro vias que devem ser percorridas para a conduzir a ciência. A primeira remete ao pressuposto de nunca tomar algo como verdadeiro sem que verdadeiramente a conhecesse como tal, ou seja, evitar a precipitação e a prevenção para não deixar dúvidas ao investigador. A segunda, o de dividir cada uma das dificuldades que eu examinasse em tantas parcelas quantas possíveis e quantas necessárias fossem para melhor resolvê-las. A terceira, partir dos objetos mais simples e fáceis para caminhar rumo ao mais complexo e supondo mesmo uma ordem entre os que não se precedem naturalmente uns aos outros. Por último, fazer tantas enumerações e revisões para ter a certeza de nada omitir. Descartes, defende que sem verdade e a certeza o homem não pode dizer que possui conhecimento, esse sendo uma espécie de visão mental ou então intuição.

4. CONHECIMENTO EMPÍRICO.

O empirismo é a escola de pensamento filosófico que pensa estar na experiência a origem de todas as ideias, é o que chamam de **experiência sensível**. Para essa corrente do conhecimento as sensações e as percepções são causadas pela relação entre estímulos externos e o cérebro. Ocorre aqui uma relação direta entre os estímulos de nossas sensações e nosso sistema nervoso, estabelecendo assim nossos sentidos. O conhecimento é obtido por soma e associação das sensações na percepção, em um processo que depende da frequência, da repetição e da sucessão dos estímulos externos e de nossos hábitos.



Dentro dessa corrente filosófica podemos destacar dois grandes pensadores:

4.1. JOHN LOCKE (1632-1704)

Primeiro a formular o pensamento empirista. Afirmou que uma criança ao nascer tem seu cérebro como uma tábua rasa e devido a isso os seres humanos não têm ideias inatas por isso as experiências nos levam a aquisição de conhecimento. A formação do conhecimento se dá por meio de um processo de combinação e associação das experiências, chamado por Locke de ideia simples, na qual a associação por semelhanças ou diferenças formam ideias complexas, sendo essas formas abstratas ou gerais. Essas ideias não correspondem a nossa realidade, pois são nomes que instituímos por convenção para organizar nossos pensamentos e discursos. Esse processo de abstração remete-nos em separar qualidades, quantidades, propriedades que existem nas coisas percebidas e assim organizá-las em ideias gerais que não possuem objetos determinados.

4.2. DAVID HUME (1711-1776)

Seu pensamento caracterizado pelo ceticismo, afirmou que só existe o que percebemos, percepção essa que tem duas fontes de origem.

- ✓ **Impressão** – características fornecidas pelos sentidos, são nossas percepções.
- ✓ **Ideias** – representação das impressões em nossa mente, na medida e forma em que nos lembramos ou imaginamos. As ideias se relacionam por Semelhança, Contiguidade e Causalidade. Nas relações de ideias, o conhecido obtido é chamado de demonstrativo, intuitivo ou dedutivo.

Segundo Hume as ideias são como cópias de nossas impressões, por isso estão em um plano secundário. Devido a isso, as experiências são a base de todo conhecimento, na qual podemos chamar de raciocínio, aquilo que é um fato.

5. A PSICANÁLISE COMO FORMA DE CONHECIMENTO.

Criada pelo médico neurologista Sigmund Freud (1856-1939) parte do conceito de **inconsciente**, esse embasado na ideia de que a humanidade passou por três processos que a feriram, atingindo diretamente seu narcisismo, ou seja, a imagem de belo que possuímos de nós mesmos como por sermos seres conscientes e racionais na qual estivemos encantados. A primeira explicação elaborada foi por Copérnico, de que a Terra não é o centro do Universo, logo o homem não está no centro do mundo. A segunda por Darwin, quando prova a ligação ancestralidade humana com primatas, sendo resultado do processo evolutivo e não da criação divina. A terceira e última feito pelo próprio Freud com a produção da psicanálise, demonstrando que a consciência é a menor e mais frágil parte de nossa psique.

Seu método de psicanálise foi resultado de uma nova forma de conhecimento. Em seu consultório passou a usar o conhecimento conhecido como método catártico, onde buscou mais escutar seus pacientes e fazendo poucas perguntas, substituindo a antiga forma de hipnose e da sugestão. A partir de então Freud passa a utilizar a analise na qual por meio de palavras soltas, pedia para seus pacientes que falasse a primeira palavra que viesse a mente, denominando esse procedimento de *técnica de associação livre*, na qual o paciente tinha diferentes reações às palavras pronunciadas pelo psicanalista. Através das observações, Freud chega a conclusão de que a vida consciente dos pacientes era determinada por uma vida inconsciente e a partir da interpretação de sonhos, palavras, gestos e lembranças chegaria ao entendimento desse inconsciente.

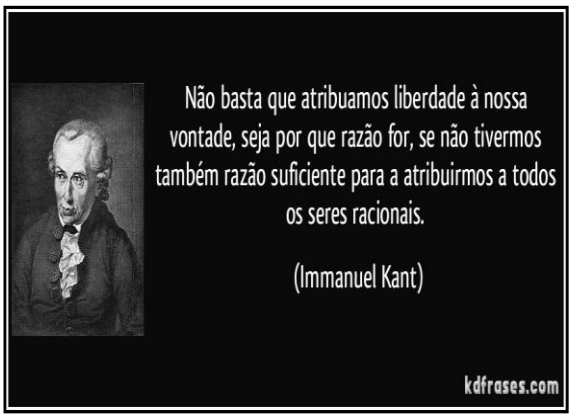
Ao longo de sua trajetória, Freud descobriu que mesmo conscientemente os pacientes quisessem determinada cura, esses se sentiam interiormente impedidos e ameaçados por algum trauma que haviam esquecido e não queriam lembrar. Por meio da análise das questões que envolvem o inconsciente, através do método da interpretação utilizando como ferramenta a linguagem verbal e corporal Freud criou a **psicanálise**.

6. IMMANUEL KANT E A CRÍTICA DA RAZÃO.

O ponto de partida de Kant consiste na elaboração do estudo do que ele chama de estudo da própria faculdade de conhecer ou então o estudo da razão. Através da utilização da ideia da **crítica da razão pura**, afirma que não examinamos os conhecimentos que a razão alcança, e sim as condições nas quais o conhecimento racional é possível, tratando do exame da razão antes e sem os dados oferecidos pela experiência, sendo verdade que todos os nossos conhecimentos começam com a experiência, porém não é verdade que todos provenham dela. Sendo assim esse estudo não é empírico.

Para Kant a razão é uma estrutura vazia de forma pura sem conteúdo, fazendo dela inata e universal, comum a todos os seres humanos tanto em relação ao espaço quanto ao tempo. Logo a estrutura da razão é a priori. Os conteúdos dessa razão necessitam da experiência, pois se assim não fosse, a razão sempre estaria vazia e nada conheceria. Ao contrário da razão, a matéria do conhecimento (conteúdos) pode ter diferenças em relação no tempo e espaço, já que as novas experiências podem levar a falsas revelações, vindo então a posteriori.

Segundo o pensamento kantiano não são os conteúdos que são inatos, mas sim a estrutura da razão, afirmando que a experiência não é a causa das ideias, mas sim a ocasião para que a razão receba a matéria e formule as ideias, na qual o conhecimento racional provoca a síntese em que a razão realiza entre uma forma universal inata e um conteúdo particular posto pela experiência. Com isso Kant formula o que nomeou de estrutura da razão, constituída essa pela estrutura da sensibilidade, do entendimento e da razão.



7. EXERCÍCIOS.

QUESTÕES COMENTADAS

1. (Ufu 1998)

Na sua obra "Crítica da Razão Pura", Kant formulou uma síntese entre sujeito e objeto, mostrando que, ao conhecermos a realidade do mundo, participamos da sua construção mental. Segundo Kant, esta valorização do sujeito (possuidor de categorias apriorísticas) no ato de conhecimento, representou, na Filosofia, algo comparável à:

A) previsão da órbita do Cometa Halley no sistema solar.

B) revolução de Copérnico na Física.

C) invenção do telescópio por Galileu Galilei.

D) Revolução francesa que derrubou o Ancien Régime.

E) invenção da máquina a vapor.

Comentários

A inspiração que Kant retira de Copérnico é bastante simples de ser compreendida. Para simplificar, primeiro distingamos, segundo Kant, os tipos de juízos sobre as coisas que podemos fazer.

Eles são três:

1) juízos analíticos (ou aqueles juízos nos quais já no sujeito encontramos o predicado, ou seja, são tautológicos e, por conseguinte, não se obtém por seu intermédio nenhum tipo de conhecimento);

2) juízos sintéticos a *posteriori* (ou aqueles juízos nos quais a experiência sensível está presente e se faz parte decisiva do julgamento, logo este tipo de juízo é particular e contingente);

3) juízos sintéticos a priori (ou aqueles juízos nos quais o predicado não está contido no sujeito e a experiência não constitui alguma parte decisiva do conteúdo, quer dizer, juízos nos quais se obtém conhecimento sobre algo, porém sem que a experiência seja relevante para a conclusão obtida, o que faz deste tipo de juízo universal e necessário).

Kant afirmava que a matemática e a física realizam justamente este último tipo de juízo. Ele, então, se perguntava se a metafísica também não era capaz de realizar este tipo de juízo. Para solucionar a questão: "é possível uma metafísica baseada em juízos sintéticos a priori?", Kant irá modificar o ponto de vista da investigação da mesma maneira que fez Copérnico e, em vez de observar o objeto através do que a experiência sensível expõe, considerar a possibilidade de a faculdade mesma de conhecer constituir a priori o objeto – Copérnico fez algo similar quando, em vez de calcular o movimento dos corpos celestes através dos dados da experiência sensível (o suposto movimento do sol, etc.), calculou este movimento através da suposição de que o próprio observador (o homem sobre a Terra) se movia. Este a priori que Kant formula se encontra nas formas da sensibilidade, nas categorias do entendimento e no esquematismo, isto é, na sua

filosofia transcendental, ou na sua filosofia sobre as condições de possibilidade do próprio conhecimento.

Gabarito: B

---

2. (Ufpa 2008)

Segundo Descartes, para se alcançar a verdade das coisas, isto é, o conhecimento certo e evidente, é necessário um método. É correto afirmar que esse método, proposto pelo autor,

A) valoriza a dúvida e estabelece, por meio de suas regras, que se deve tomar como ponto de partida as sensações e coisas particulares para, posteriormente, se ascender aos axiomas mais gerais.

B) consiste no modo seguro e certo de se "aplicar a razão à experiência", isto é, de se aplicar o pensamento verdadeiro aos dados oferecidos pelo conhecimento sensível.

C) dá ênfase à dúvida e ao modelo matemático de raciocínio como procedimentos que se devem utilizar para se alcançar a verdade e para se evitar os enganos e as opiniões prováveis.

D) estabelece, como caminho seguro para se atingir ideias claras e evidentes, o raciocínio silogístico, que parte de enunciados universais para enunciados particulares.

E) fornece os procedimentos adequados, de observação e experimentação, que possibilitam organizar e controlar os dados recebidos da experiência sensível, de modo a se obter um conhecimento verdadeiro sobre as coisas.

Comentários

O método cartesiano começa com a dúvida metódica, segundo a qual se duvida de todas as verdades evidentes e de tudo aquilo que é apreendido pelos sentidos, causa dos principais enganos humanos. Descartes considerava que a verdade seria conhecida a priori, através de um processo mental e sistemático. A única alternativa correta, portanto, é a [C].

Gabarito: C

---

3. (Uem 2012)

Afirma o filósofo Galileu Galilei (1564-1642):

"A Filosofia encontra-se escrita neste grande livro que continuamente se abre perante nossos olhos (isto é, o Universo), que não se pode compreender antes de entender a língua e conhecer os caracteres com os quais está escrito. Ele está escrito em língua matemática, os caracteres são triângulos, circunferências e outras figuras geométricas, sem cujos meios é impossível entender humanamente as palavras: sem eles nós vagamos perdidos dentro de um obscuro labirinto".

(GALILEI, Galileu. *O ensaiador.* São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 119 – Coleção Os pensadores).

Segundo esse fragmento, é correto afirmar:

01) Conhecer algo natural implica poder traduzir as informações em conceitos matemáticos.

02) A matemática restringe-se ao estudo do Universo.

04) A matemática é uma língua não escrita.

08) A filosofia é o primeiro momento da investigação, que precede a matemática.

16) O estudo da filosofia identifica-se com o estudo da natureza.

Comentários

O fragmento expõe uma posição muito contundente de Galileu. Quando ele diz, metaforicamente, que o Universo é um livro escrito na linguagem matemática e que a filosofia está inscrita neste livro, subentende-se, por exemplo, que não há lugar para a teologia na reflexão filosófica. Ou seja, a filosofia, assim como a física e qualquer outro conhecimento possível a respeito da natureza das coisas, se tiver o interesse de comentar o Universo deverá fazê-lo segundo um raciocínio matemático; do contrário, irá vagar perdida em um labirinto. Em outras palavras, a sacralidade da Bíblia, por exemplo, não é garantia de qualquer afirmação sobre natureza. As proposições milagrosas presentes neste livro sagrado, como quaisquer outras, devem suportar um escrutínio matemático se desejarem ser verídicas – e do mesmo modo o nome de um sujeito importante, como o nome de Aristóteles, não pode servir de autoridade para validar qualquer tipo de afirmação. Em geral, Galileu toma a linguagem matemática como modelo, pois esta possui, entre outras características, o caráter dedutivo e, por conseguinte, não pode afirmar algo segundo a crença de que isto é verdadeiro, mas deve sempre afirmar algo segundo a demonstração da necessidade das afirmações.

Para uma noção geral sobre a crítica de Galileu às autoridades:
GALILEI, G. Carta de Galileu Galilei a Fortunio Liceti em Pádua. In: *Scientiæ Studia*, Vol. 1, N.º 1, 2003, p. 75-80.
Link: http://www.scielo.br/pdf/ss/v1n1/a05v1n1.pdf
MARICONDA, P. R. Lógica, experiência e autoridade na carta de 15 de setembro de 1640 de Galileu a Liceti. In: *Scientiæ Studia*, Vol. 1, N.º 1, 2003, p. 63-73.
Link: http://www.scielo.br/pdf/ss/v1n1/a04v1n1.pdf

Gabarito: 01 + 16 = 17

---

4. (Uel 2008)

Leia o seguinte texto de Descartes:

Essas longas cadeias de razões, todas simples e fáceis, de que os geômetras costumam se utilizar para chegar às demonstrações mais difíceis, haviam-me dado oportunidade de imaginar que todas as coisas passíveis de cair sob domínio do conhecimento dos homens

seguem-se umas às outras da mesma maneira e que, contanto que nos abstenhamos somente de aceitar por verdadeira alguma que não o seja, e que observemos sempre a ordem necessária para deduzi-las umas das outras, não pode haver, quaisquer que sejam, tão distantes às quais não se chegue por fim, nem tão ocultas que não se descubram.

(DESCARTES, R. *Discurso do método*. Tradução de Elza Moreira Marcelina. Brasília: Editora da Universidade de Brasília; São Paulo: Ática, 1989. p. 45.)

Com base no texto e nos conhecimentos sobre o pensamento de Descartes, é correto afirmar que:

A) Para Descartes, o conhecimento é obtido partindo-se da experiência, isto é, da observação da natureza, e depois generalizando os resultados de tais observações.

B) Segundo Descartes, qualquer coisa que a razão humana é capaz de conhecer pode ser alcançada, partindo-se de verdades evidentes, e aplicando a dedução lógica a essas verdades.

C) Para Descartes, é possível apenas obter um conhecimento aproximado, probabilístico, acerca de qualquer objeto, não sendo de modo algum alcançável o conhecimento da verdade, independente do assunto em questão.

D) Descartes pensa que, independentemente das premissas das quais se parte ao se procurar obter conhecimento sobre um determinado assunto, a verdade sobre tal assunto será alcançada desde que os princípios da lógica dedutiva sejam aplicados corretamente.

E) Para Descartes, não há verdades evidentes, de modo que para se obter conhecimento sobre qualquer assunto, é necessário realizar longas séries de demonstrações difíceis, como aquelas que são habitualmente desenvolvidas pelos geômetras.

Comentários

No texto do enunciado, Descartes demonstra a sua confiança na razão para conhecer as coisas verdadeiras, por mais ocultas que estejam, desde que seja utilizado um método adequado de dedução lógica. Tal concepção racionalista é bem apresentada somente na alternativa [B].

Gabarito: B

---

5. (Uem 2013)

"É de grande utilidade para o marinheiro saber a extensão de sua linha, embora não possa com ela sondar toda a profundidade do oceano. É conveniente que saiba que era suficientemente longa para alcançar o fundo dos lugares necessários para orientar sua viagem, e preveni-lo de esbarrar contra escolhos que podem destruí-lo. Não nos diz respeito conhecer todas as coisas, mas apenas aquelas que se referem à nossa conduta."

(LOCKE, John. Ensaio sobre o entendimento humano. In: CHALITA, Gabriel. *Vivendo a filosofia*: ensino médio. 4.ª ed. São Paulo: Ática, 2011. p. 251).

Com base nessa citação em que John Locke considera os conhecimentos do marinheiro, é **correto** afirmar que:

01) o entendimento humano é ilimitado.

02) a profundidade do oceano é maior do que o instrumento de medida do marinheiro.

04) a medida da linha não precisa ser maior do que o necessário para orientar a correta navegação do barco.

08) a linha está orientada apenas em função da pesca.

16) a experiência empírica não é válida.

Comentários

A analogia desse texto citado do empirista inglês do séc. XVII, John Locke, compara o fato de um marinheiro comum não ser capaz de investigar a totalidade das características do oceano sobre o qual navega, com a nossa incapacidade mesma de investigar a totalidade das características das nossas experiências cotidianas. De modo que, se o marinheiro é capaz de navegar, então é válido supor que não seja decisivo o fato de desconhecer a totalidade do oceano, e, sendo assim, que somente aqueles conhecimentos referentes à sua conduta já sejam suficientes. Locke, conseguintemente, extrapola essa consequência final para todo o entendimento humano, reduzindo-o a uma relação sempre empírica entre os conteúdos intelectuais e os conteúdos sensoriais.

Introdução a John Locke. Canal University of Oxford. http://www.youtube.com/watch?v=t4I237vgkgw

Gabarito: 02 + 04 = 06

6.

Assentado, portanto, que a Escritura, em muitas passagens, não apenas admite, mas necessita de exposições diferentes do significado aparente das palavras, parece-me que, nas discussões naturais, deveria ser deixada em último lugar.

GALILEI, G. Carta a Benedetto Castelli. In: *Ciência e fé: cartas de Galileu sobre o acordo do sistema copernicano com a Bíblia*. São Paulo: Unesp, 2009. (adaptado)

O texto, extraído da carta escrita por Galileu (1564-1642) cerca de trinta anos antes de sua condenação pelo Tribunal do Santo Oficio, discute a relação entre ciência e fé, problemática cara no século XVII. A declaração de Galileu defende que:

A) a bíblia, por registrar literalmente a palavra divina, apresenta a verdade dos fatos naturais, tornando-se guia para a ciência.

B) o significado aparente daquilo que é lido acerca da natureza na bíblia constitui uma referência primeira.

C) as diferentes exposições quanto ao significado das palavras bíblicas devem evitar confrontos com os dogmas da Igreja.

D) a bíblia deve receber uma interpretação literal porque, desse modo, não será desviada a verdade natural.

E) os intérpretes precisam propor, para as passagens bíblicas, sentidos que ultrapassem o significado imediato das palavras.

Comentários

Galileu era não só um sujeito capaz da mais convincente retórica, como também um sujeito capaz das afirmações mais difíceis. Perante o forte discurso religioso – forte, porém inapropriado para a ciência –, Galileu cumpriu a delicada tarefa de afirmar uma ciência nova baseada puramente na matemática, distante da fé e de qualquer autoridade que não fosse a experiência.

"*E talvez tenha ocorrido em Siena o efetivo pronunciamento do famoso Eppur si muove. Vejamos que história é essa. Segundo dois livros de meados do século XVIII, logo depois de abjurar, Galileu teria dito "E, no entanto, se move", referindo-se ao movimento da Terra que acabara de renegar. Os estudiosos sempre acharam esse rompante impossível, ou porque não haveria testemunhas favoráveis para registrá-lo ou porque Galileu saberia das terríveis consequências de tal gesto, se fosse percebido por um inquisidor. Porém, o restauro em 1911 de um quadro espanhol de 1643, no qual aparece inscrita aquela frase, mostra que a história quase certamente já era divulgada com Galileu ainda vivo. E é bastante possível que ele tenha altiva e jocosamente pronunciado tal afirmação numa das recepções de Picolomini*". (P. R. Mariconda & J. Vasconcelos. ***Galileu – e a nova Física***. In Coleção Imortais da ciência. São Paulo: Odysseus Editora, 2006, p. 184)

Gabarito: E

7.

Todo o poder criativo da mente se reduz a nada mais do que a faculdade de compor, transpor, aumentar ou diminuir os materiais que nos fornecem os sentidos e a experiência. Quando pensamos em uma montanha de ouro, não fazemos mais do que juntar duas ideias consistentes, ouro e montanha, que já conhecíamos. Podemos conceber um cavalo virtuoso, porque somos capazes de conceber a virtude a partir de nossos próprios sentimentos, e podemos unir a isso a figura e a forma de um cavalo, animal que nos é familiar.

HUME, D. *Investigação sobre o entendimento humano*. São Paulo: Abril Cultural, 1995.

Hume estabelece um vínculo entre pensamento e impressão ao considerar que:

A) os conteúdos das ideias no intelecto têm origem na sensação.

B) o espírito é capaz de classificar os dados da percepção sensível.

C) as ideias fracas resultam de experiências sensoriais determinadas pelo acaso.

D) os sentimentos ordenam como os pensamentos devem ser processados na memória.

E) as ideias têm como fonte específica o sentimento cujos dados são colhidos na empiria.

Comentários

Hume, sendo empirista, considera que os pensamentos são produzidos pela associação de ideias obtidas pelas sensações do homem, tal como afirma corretamente a alternativa [A].

Gabarito: A

8.

TEXTO I

Há já de algum tempo eu me apercebi de que, desde meus primeiros anos, recebera muitas falsas opiniões como verdadeiras, e de que aquilo que depois eu fundei em princípios tão mal assegurados não podia ser senão mui duvidoso e incerto. Era necessário tentar seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões a que até então dera crédito, e começar tudo novamente a fim de estabelecer um saber firme e inabalável.

DESCARTES, R. *Meditações concernentes à Primeira Filosofia*. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (adaptado).

TEXTO II

É de caráter radical do que se procura que exige a radicalização do próprio processo de busca. Se todo o espaço for ocupado pela dúvida, qualquer certeza que aparecer a partir daí terá sido de alguma forma gerada pela própria dúvida, e não será seguramente nenhuma daquelas que foram anteriormente varridas por essa mesma dúvida.

SILVA, F. L. *Descartes: a metafísica da modernidade*. São Paulo: Moderna, 2001 (adaptado).

A exposição e a análise do projeto cartesiano indicam que, para viabilizar a reconstrução radical do conhecimento, deve-se:

A) retomar o método da tradição para edificar a ciência com legitimidade.

B) questionar de forma ampla e profunda as antigas ideias e concepções.

C) investigar os conteúdos da consciência dos homens menos esclarecidos.

D) buscar uma via para eliminar da memória saberes antigos e ultrapassados.

E) encontrar ideias e pensamentos evidentes que dispensam ser questionados.

Comentários

Como exemplo da radicalidade indicada pelo prof. Franklin Leopoldo e Silva, vale mencionar que Descartes inicia a segunda meditação com a metáfora de um homem submerso, ele diz: “a meditação que fiz ontem encheu-me de tantas dúvidas, que doravante não está mais em meu alcance esquecê-las. E, no entanto, não vejo de que maneira poderia resolvê-las; e, como se de súbito tivesse caído em águas muito profundas, estou de tal modo surpreso que não posso nem firmar meus pés no fundo, nem nadar para me manter à tona”. Essa metáfora expõe um homem de mãos atadas; voltar para a situação anterior é impossível, porém manter-se no meio do caminho também. A única opção é manter-se trilhando o caminho da dúvida sistemática e generalizada, esperando desse modo alcançar algum ponto firme o suficiente para ser possível apoiar os pés, e nadar de volta para a superfície. Mantendo-se nesse caminho, o filósofo busca o ponto que irá inaugurar uma cadeia de razões da qual ele não poderá duvidar. O chão desse mar no qual o filósofo está submerso é esta única coisa da qual ele não pode duvidar, mesmo se o gênio maligno estiver operando. Tal certeza radical é a certeza sobre o fato de que se o gênio

maligno perverte meus pensamentos, ele nunca poderia perverter o próprio fato de que eu devo estar pensando para que ele me engane. Penso, existo é a nova raiz que nutre a modernidade.

Gabarito: B

9.

Até hoje admitia-se que nosso conhecimento se devia regular pelos objetos; porém todas as tentativas para descobrir, mediante conceitos, algo que ampliasse nosso conhecimento, malogravam-se com esse pressuposto. Tentemos, pois, uma vez, experimentar se não se resolverão melhor as tarefas da metafísica, admitindo que os objetos se deveriam regular pelo nosso conhecimento.

KANT, I. *Crítica da razão pura*. Lisboa: Calouste-Gulbenkian, 1994 (adaptado).

O trecho em questão é uma referência ao que ficou conhecido como revolução copernicana na filosofia. Nele, confrontam-se duas posições filosóficas que:

A) assumem pontos de vista opostos acerca da natureza do conhecimento.

B) defendem que o conhecimento é impossível, restando-nos somente o ceticismo.

C) revelam a relação de interdependência entre os dados da experiência e a reflexão filosófica.

D) apostam, no que diz respeito às tarefas da filosofia, na primazia das ideias em relação aos objetos.

E) refutam-se mutuamente quanto à natureza do nosso conhecimento e são ambas recusadas por Kant.

Comentários

Primeiro, distingamos entre os tipos de juízos que Kant considera sermos capazes de fazer.
Eles são três:
1) juízos analíticos (ou aqueles juízos nos quais já no sujeito encontramos o predicado, ou seja, juízos tautológicos e, por conseguinte, dos quais não se obtém nenhum tipo de conhecimento);
2) juízos sintéticos a posteriori (ou aqueles juízos nos quais a experiência sensível está presente e se faz parte decisiva do julgamento, ou seja, juízos particulares e contingentes); e
3) juízos sintéticos a priori (ou aqueles juízos nos quais o predicado não está contido no sujeito e a experiência não constitui alguma parte decisiva do conteúdo, ou seja, juízos nos quais se obtém conhecimento sobre algo, porém sem que a experiência seja relevante para a conclusão obtida, o que faz desse tipo de juízo universal e necessário).
Segundo, lembremos que Kant afirmava que a matemática e a física realizam justamente o último tipo de juízo mencionado. Ele, então, se perguntava se a metafísica também não era capaz de realizar esse tipo de juízo. Para solucionar esta questão: "é possível uma metafísica baseada em juízos sintéticos a priori?", o filósofo irá modificar o ponto de vista da investigação se inspirando em Copérnico, isto é, considerando o objeto não através daquilo que a experiência sensível expõe, porém a partir da possibilidade de a faculdade mesma de conhecer constituir a priori o objeto – o

astrônomo fez algo similar quando, em vez de calcular o movimento dos corpos celestes através dos dados da experiência sensível, calculou esses movimentos através da suposição de que o próprio observador (o homem sobre a Terra) se movia. Esse a priori que Kant formula se encontra nas formas da sensibilidade, nas categorias do entendimento e no esquematismo, isto é, na sua filosofia transcendental, ou na sua filosofia sobre as condições de possibilidade do próprio conhecimento.

Gabarito: A

10.

> Para Platão, o que havia de verdadeiro em Parmênides era que o objeto de *conhecimento* é um objeto de *razão* e não de *sensação*, e era preciso estabelecer uma relação entre objeto racional e objeto sensível ou material que privilegiasse o primeiro em detrimento do segundo. Lenta, mas irresistivelmente, a Doutrina das Ideias formava-se em sua mente.
>
> ZINGANO, M. *Platão e Aristóteles*: o fascínio da filosofia. São Paulo: Odysseus, 2012 (adaptado).

O texto faz referência à relação entre razão e sensação, um aspecto essencial da Doutrina das Ideias de Platão (427–346 a.C.). De acordo com o texto, como Platão se situa diante dessa relação?

A) Estabelecendo um abismo intransponível entre as duas.

B) Privilegiando os sentidos e subordinando o conhecimento a eles.

C) Atendo-se à posição de Parmênides de que razão e sensação são inseparáveis.

D) Afirmando que a razão é capaz de gerar conhecimento, mas a sensação não.

E) Rejeitando a posição de Parmênides de que a sensação é superior à razão.

Comentários

A filosofia de Platão é resultado de um trabalho de reflexão intenso e extenso, de modo que as questões durante os inúmeros diálogos por ele escritos são respondidas de maneiras distintas. Porém, Platão possui uma questão de fundo que se refere ao problema da identidade – resquício da tradição conflituosa de Parmênides e Heráclito –, a saber: o que é, é sempre idêntico a si mesmo, ou é sempre distinto? O mundo verdadeiro é uma totalidade sempre permanente, ou uma totalidade sempre efêmera? A concepção sobre Ideias que Platão formula atende, em geral, essas questões e busca demonstrar como o sensível apesar de expor uma realidade impermanente, possui um fundamento permanente. As Ideias são verdadeiras, a realidade sensível é apenas uma aparência passageira dessa realidade.

A realidade inteligível (mundo das Ideias, das Formas), na qual se encontram as essências, o Ser de cada coisa existente. Uma realidade alcançável apenas pelos “olhos da alma”, pois é observado apenas pelo esforço da razão. Exatamente por ser inteligível, essa realidade tem como características: ser metafísica, isto é, imaterial ou incorpórea; ser una, isto é, reduz a multiplicidade

das coisas sensíveis a uma unidade; ser eterna, por não se submeter ao ciclo de geração e degeneração das coisas do mundo sensível.

Gabarito: D

11.

TEXTO I

Experimentei algumas vezes que os sentidos eram enganosos, e é de prudência nunca se fiar inteiramente em quem já nos enganou uma vez.

DESCARTES, R. *Meditações Metafísicas*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

TEXTO II

Sempre que alimentarmos alguma suspeita de que uma ideia esteja sendo empregada sem nenhum significado, precisaremos apenas indagar: de que impressão deriva esta suposta ideia? E se for impossível atribuir-lhe qualquer impressão sensorial, isso servirá para confirmar nossa suspeita.

HUME, D. *Uma investigação sobre o entendimento*. São Paulo: Unesp, 2004 (adaptado).

Nos textos, ambos os autores se posicionam sobre a natureza do conhecimento humano. A comparação dos excertos permite assumir que Descartes e Hume:

A) defendem os sentidos como critério originário para considerar um conhecimento legítimo.

B) entendem que é desnecessário suspeitar do significado de uma ideia na reflexão filosófica e crítica.

C) são legítimos representantes do criticismo quanto à gênese do conhecimento.

D) concordam que conhecimento humano é impossível em relação às ideias e aos sentidos.

E) atribuem diferentes lugares ao papel dos sentidos no processo de obtenção do conhecimento.

Comentários

Da dúvida sistemática e generalizada das experiências sensíveis, Descartes espera começar a busca por algum ponto firme o suficiente para ser possível se apoiar e não duvidar. O chão deste mar de dúvidas no qual o filósofo está submerso é esta única coisa da qual ele não pode duvidar, mesmo se o gênio maligno estiver operando. Esta certeza é a certeza sobre o fato de que se o gênio maligno perverte meus pensamentos, ele nunca poderia perverter o próprio fato de que eu devo estar pensando para que ele me engane. Então, se penso, existo.

David Hume (1711-1776), influenciado pela filosofia de John Locke (1632-1704), parte de uma noção da mente humana segundo a qual o homem não possui ideias inatas, porém todas elas provêm da experiência sensível para compor o conhecimento. Sendo assim, o homem conhece a partir das impressões e das ideias que concebe a partir da experiência. De experiências habituais

ele constrói conhecimentos baseados em matérias de fato e relações entre ideias. Os conhecimentos sobre matérias de fato são empíricos, portanto, apenas mais ou menos prováveis, já os conhecimentos sobre relações de ideias são puros, portanto, sempre certos sem, todavia, se referir a qualquer realidade sensível.

Gabarito: E

---

12. (Ufu 2012)

Leia o trecho abaixo, que se encontra na *Apologia de Sócrates* de Platão e traz algumas das concepções filosóficas defendidas pelo seu mestre.

Com efeito, senhores, temer a morte é o mesmo que se supor sábio quem não o é, porque é supor que sabe o que não sabe. Ninguém sabe o que é a morte, nem se, porventura, será para o homem o maior dos bens; todos a temem, como se soubessem ser ela o maior dos males. A ignorância mais condenável não é essa de supor saber o que não se sabe?

Platão, A Apologia de Sócrates, 29 a-b, *In*. HADOT, P. *O que é a Filosofia Antiga?* São Paulo: Ed. Loyola, 1999, p. 61.

Com base no trecho acima e na filosofia de Sócrates, assinale a alternativa **INCORRETA**.

A) Sócrates prefere a morte a ter que renunciar a sua missão, qual seja: buscar, por meio da filosofia, a verdade, para além da mera aparência do saber.

B) Sócrates leva o seu interlocutor a examinar-se, fazendo-o tomar consciência das contradições que traz consigo.

C) Para Sócrates, pior do que a morte é admitir aos outros que nada se sabe. Deve-se evitar a ignorância a todo custo, ainda que defendendo uma opinião não devidamente examinada.

D) Para Sócrates, o verdadeiro sábio é aquele que, colocado diante da própria ignorância, admite que nada sabe. Admitir o não-saber, quando não se sabe, define o sábio, segundo a concepção socrática.

Comentários

O lema da filosofia socrática é: conheça-te a ti mesmo; e como o próprio Sócrates diz na sua Apologia: “a vida sem inspeção não vale a pena ser vivida pelo homem”. Seguindo esse lema e essas palavras, podemos dizer que o pensamento de Sócrates se desenvolve como uma investigação metódica cuja única finalidade é esclarecer através deste exame minucioso a ignorância daquele que diz saber sem, todavia, saber realmente. O segredo dessa investigação metódica (a *dialética*) de Sócrates está no conceito de *ironia* que garante para cada interlocutor um discurso particular a respeito das suas suposições sobre seu próprio conhecimento. Por esse discurso, o filósofo esclarece seu interlocutor sobre sua ignorância e o faz assumir, ou pelo menos considerar a possibilidade de uma postura distinta da inicial, mais elevada, mais sábia e, portanto, capaz de se reconhecer a si mesmo.

Gabarito: C

---

13. (Ueg 2013)

A ciência desconfia da veracidade de nossas certezas, de nossa adesão imediata às coisas, da ausência de crítica e da falta de curiosidade. Por isso, onde vemos coisas, fatos e acontecimentos, a atitude científica vê problemas e obstáculos, aparências que precisam ser explicadas.

CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2003. p. 218.

Com base na afirmação precedente pode-se afirmar que:

A) a ciência, ao contrário do senso comum, é um conhecimento objetivo, quantitativo e generalizador, que se opõe ao caráter dogmático e subjetivo do senso comum.

B) a ciência domina o imaginário contemporâneo. Isso significa que, cada vez mais, confiamos no testemunho de nossos sentidos que promovem uma adesão acrítica à realidade dada.

C) a ciência existe para confirmar nossas certezas cotidianas, utilizando um pensamento assistemático que despreza o trabalho da razão.

D) a rigor, a ciência complementa o senso comum, mas banindo os obstáculos e problemas observados por nossa percepção imediata das coisas.

Comentários

Em geral, a ciência estabelece um método de pesquisa racional que busca a construção coletiva de conhecimentos refletidos e seguros sobre a variedade da natureza, e, também, de conhecimentos esclarecedores sobre os fenômenos que nos parecem familiares. Sendo assim, a ciência possui uma base racional fundante a qual todo homem pode ter acesso e, desse modo, todos podem participar. Ela possui, além disso, como objeto de pesquisa a perplexidade do homem perante a variância de alguns fenômenos naturais e a permanência de outros, e como objetivo da pesquisa harmonizar estas diferenças em equilíbrios dinâmicos através de conceitos e sistemas de conceitos justificados da melhor maneira possível, isto é, pela construção de experimentos controlados e avaliações imparciais.

Gabarito: A

---

14. (Uenp 2012)

A charge abaixo retrata a oposição **epistemológica** de duas escolas filosóficas cujos iniciadores podem ser considerados, respectivamente, Francis Bacon e René Descartes. Assinale a alternativa correta.

A) Empirismo X Criticismo.

B) Ceticismo X Existencialismo.

C) Empirismo X Racionalismo.

D) Racionalismo X Existencialismo.

E) Racionalismo X Ceticismo.

Comentários

Francis Bacon é um dos principais expoentes do empirismo, enquanto que Descartes é o principal representante do racionalismo. Ambos desenvolveram métodos científicos, mas que partem de concepções epistemológicas bastante distintas. Enquanto Bacon enxerga na experiência a origem do conhecimento, Descartes considera que somente a partir da Razão pode-se conhecer alguma coisa verdadeiramente.

Gabarito: C

---

15. (Uem 2013)

Uma das obras de Platão (428-347 a.C.) mais conhecidas é *A República*, na qual se encontra o mito da caverna "Platão imagina uma caverna onde pessoas estão acorrentadas desde a infância, de tal forma que, não podendo ver a entrada dela, apenas enxergam o seu fundo, no qual são projetadas as sombras das coisas que passam às suas costas, onde há uma fogueira. Se um desses indivíduos conseguisse se soltar das correntes para contemplar, à luz do dia, os *verdadeiros objetos*, ao regressar, relatando o que viu aos seus antigos companheiros, esses o tomariam por louco e não acreditariam em suas palavras."

(ARANHA, M.L.A. e MARTINS, M.H. *Filosofando*: introdução à filosofia. 3.ª ed. revista. São Paulo: Moderna, 2003, p.121).

Sobre a citação acima e o alcance epistemológico do mito da caverna, assinale o que for **correto**.

01) As imagens produzidas na caverna são sombras que podem ser confundidas com a realidade.

02) A todo aquele que sai da caverna é vetada a possibilidade de retorno.

04) A imagem da fogueira se contrapõe, fora da caverna, à presença do sol, responsável pela verdadeira luz.

08) Tal qual o mito da Esfinge, decifrado por Édipo, Platão descreve três estados da humanidade: infância, juventude e maturidade.

16) Tal qual o mundo sensível, ilusório e efêmero, as imagens da caverna possuem um grau ontológico deficitário ou duvidoso.

Comentários

Primeiramente, a realidade não é confundida com as sombras na caverna, pois, segundo a alegoria (**alegoria e não mito**) elaborada por Platão, aqueles que estão dentro da caverna nunca tiveram experiência do real e, portanto, nunca poderiam confundir as imagens com a realidade. O correto é que as pessoas dentro da caverna tomam simplesmente a imagem como real, ou seja, elas são totalmente passivas nesse processo.

Segundo, Platão na "Alegoria da Caverna" aponta para a saída da cidade, isto é, para o movimento que o filósofo faz ao questionar as opiniões irrefletidas mantidas pelos cidadãos e em geral pela cidade. Esse movimento do filósofo leva-o para um lugar que não é uma caverna, e sim um cosmopolitismo. De modo que a educação filosófica é uma educação para o mundo, e não para as opiniões circunscritas a um antro. A educação, portanto, deve afastar a alma do cidadão das controversas opiniões baseadas em imitações distorcidas da realidade.

Gabarito: 01 + 04 + 16 = 21.

---

16. (Ufu 2012)

O texto abaixo comenta a correlação entre ideias e impressões em David Hume.

Em contrapartida, vemos que qualquer impressão, da mente ou do corpo, é constantemente seguida por uma ideia que a ela se assemelha, e da qual difere apenas nos graus de força e vividez. A conjunção constante de nossas percepções semelhantes é uma prova convincente de que umas são as causas das outras; [...].

HUME, D. *Tratado da natureza humana*. São Paulo: Editora da Unesp/Imprensa Oficial do Estado, 2001. p. 29.

Assinale a alternativa que, de acordo com Hume, indica corretamente o modo como a mente adquire as percepções denominadas ideias.

A) Todas as nossas ideias são formas *a priori* da mente e, mediante essas ideias, organizamos as respectivas impressões na experiência.

B) Todas as nossas ideias advêm das nossas experiências e são cópias das nossas impressões, as quais sempre antecedem nossas ideias.

C) Todas as nossas ideias são cópias de percepções inteligíveis, que adquirimos através de uma experiência metafísica, que transcende toda a realidade empírica.

D) Todas as nossas ideias já existem de forma inata, e são apenas preenchidas pelas impressões, no momento em que temos algum contato com a experiência.

Comentários

Hume começa sua teoria dividindo todas as percepções mentais entre ideias (pensamentos) e impressões (sensações e sentimentos) e, então, faz duas alegações fundamentais sobre a relação entre elas. Primeiramente, ele alega que todas as ideias são, no final das contas, cópias das impressões, ou seja, para qualquer ideia que nós tomarmos, encontraremos seus componentes nas sensações externas ou nos sentimentos internos. Segundamente, ele alega que a única diferença entre uma ideia e uma impressão está na vivacidade de uma e de outra, isto é, a única diferença entre a impressão da árvore e a ideia da árvore está na força da sua presença no intelecto. Desse modo, ideias são cópias das impressões e as ideias e impressões diferem na vivacidade da sua presença intelectual.

Gabarito: B

---

17. (Ufu 1998)

Para Santo Agostinho, o homem chega à verdade:

A) apenas pela fé em Deus.

B) pelo método alegórico aplicado à interpretação da Bíblia.

C) pela iluminação divina.

D) pela recordação da alma que estava junto a Deus.

E) pelos sentidos e pelo intelecto.

Comentários

Com relação ao conceito de ideias eternas na filosofia de Agostinho, podemos dizer que as ideias eternas são os modelos ou formas originárias a partir das quais Deus cria todas as coisas; elas mesmas, porém, não são criadas por Deus nem têm uma existência independente dEle, mas são coeternas com Ele, estão na mente divina.
Com relação à função dessas ideias em nosso conhecimento, podemos afirmar que, sendo os modelos para a criação das coisas, as ideias eternas também são os modelos para o nosso conhecimento; assim, nós conhecemos as coisas voltando-nos para essas ideias, que contemplamos em nós por causa da iluminação divina.
"*Segundo Agostinho de Hipona (354-430), as ideias ou formas originárias de todas as coisas, razões estáveis e imutáveis das coisas de nosso mundo, estão contidas na mente divina e não nascem nem morrem, e tudo o que, em nosso mundo, nasce e morre é formado a partir delas. Essas ideias eternas não são criaturas, antes, participam da Sabedoria eterna, mediante a qual Deus criou todas as coisas e são idênticas a Ele. Assim, conhecemos verdadeiramente quando nos voltamos para tais ideias; sendo o fundamento da natureza das coisas, são também o fundamento para o conhecimento dessas mesmas coisas; assim, por meio delas podemos formar juízos verdadeiros sobre elas*".

(I. C. Inácio & T. R. de Luca. **O Pensamento Medieval**. São Paulo: Ática, 1988, p. 26)

Gabarito: C

18. (Ufsj 2012)

Sobre a questão do conhecimento na filosofia kantiana, é **CORRETO** afirmar que:

A) o ato de conhecer se distingue em duas formas básicas: conhecimento empírico e conhecimento puro.

B) para conhecer, é preciso se lançar ao exercício do pensar conceitos concretos.

C) as formas distintas de conhecimento, descritas na obra *Critica da razão pura,* são denominadas, respectivamente, juízo universal e juízo necessário e suficiente.

D) o registro mais contundente acerca do conhecimento se faz a partir da distinção de dois juízos, a saber: juízo analítico e juízo sintético ou juízo de elucidação.

Comentários

O conhecimento na filosofia kantiana se distingue em conhecimento puro, ou *a priori*, e conhecimento empírico, ou *a posteriori*.
O conhecimento puro é um tipo de conhecimento que possui universalidade e necessidade. Por exemplo, a definição geométrica de círculo, isto é, a figura cujo todos os pontos são equidistantes do centro, não é particular de um círculo específico, porém refere-se a todos sem exceção (universalidade), e não se define um círculo desta maneira apenas em determinadas circunstâncias, porém sempre um círculo será de tal maneira definido (necessidade).
Já experiência sensível, diz Kant, não é capaz de produzir esse tipo de juízo e, por conseguinte, os conhecimentos empíricos se constituem como particulares, contingentes e derivados da sensibilidade.
Vale lembrar também que:
"Ao lado da distinção entre a posteriori ou empírico, e a priori ou puro, impõe-se – segundo Kant – distinguir entre juízo analítico e juízo sintético. No primeiro, o predicado já está contido no sujeito, de tal forma que o juízo em questão consiste apenas em um processo de análise, através do qual se extrai do sujeito aquilo que já está contido nele. Para Kant, o juízo "os corpos são extensos" é desse tipo, pois o predicado "extensos" está contido implicitamente no sujeito "corpos". Isso significa que não é possível pensar o conceito de corporeidade sem pensar, ao mesmo tempo, o conceito de extensão. Os juízos sintéticos, ao contrário, unem o conceito expresso pelo predicado ao conceito do sujeito, constituindo o único tipo de juízo que enriquece o conhecimento. A esse tipo pertence o juízo "todos os corpos se movimentam".

(M. de S. Chauí. *Kant – Vida e Obra*. In *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999, p. 7)

Gabarito: A

19. (Uncisal 2011)

No século XVIII, o filósofo Emanuel Kant formulou as hipóteses de seu idealismo transcendental. Segundo Kant, todo conhecimento logicamente válido inicia-se pela

experiência, mas é construído internamente por meio das formas *a priori* da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias lógicas do entendimento. Dessa maneira, para Kant, não é o objeto que possui uma verdade a ser conhecida pelo sujeito cognoscente, mas sim o sujeito que, ao conhecer o objeto, nele inscreve suas próprias coordenadas sensíveis e intelectuais. De acordo com a filosofia kantiana, pode-se afirmar que:

A) a mente humana é como uma "*tabula rasa*", uma folha em branco que recebe todos os seus conteúdos da experiência.

B) os conhecimentos são revelados por Deus para os homens.

C) todos os conhecimentos são inatos, não dependendo da experiência.

D) Kant foi um filósofo da antiguidade.

E) para Kant, o centro do processo de conhecimento é o sujeito, não o objeto.

Comentários

Somente a alternativa [E] é correta. Kant faz uma "revolução copernicana" na filosofia ao colocar, como centro do processo de conhecimento, o sujeito e, não mais, o objeto. Tal concepção buscou superar a quimera entre inatistas e empiristas acerca do conhecimento.

Gabarito: E

---

20. (Uenp 2012)

Analise a charge e as afirmações abaixo.

I. O conhecimento filosófico possui como critério de verdade a coerência lógico-argumentativa dos argumentos.

II. O conhecimento científico possui como critério de verdade a experimentabilidade e a possibilidade de verificação.

III. O conhecimento mítico-religioso possui como critério de verdade a crença.

IV. A tirinha do Calvin não problematiza a questão da verdade, apontando para a existência de apenas um tipo de conhecimento válido.

Estão corretas apenas as afirmativas:

A) I e II.

B) I, II e III.

C) I, III e IV.

D) II, III e IV.

E) I, II, III e IV.

Comentários

A tirinha de Calvin problematiza a questão da verdade. Sua produção é diversa, dependendo do tipo de conhecimento a que se refere. Em uma das formas de se conceber a filosofia, pode-se dizer que a verdade é extraída da coerência dos argumentos. Na ciência, ela depende da experimentação, enquanto que no mito e na religião ela depende da crença para se sustentar.

Gabarito: B

---

21. (Unioeste 2013)

"I. Objeção: o conhecimento colocado em ideias deve ser todo uma pura visão. Não duvido que meu leitor, neste momento, deve estar apto para pensar que eu tenho estado todo este tempo construindo apenas um castelo no ar, e estar pronto para dizer: 'Qual é o propósito de tudo isto? O conhecimento, você afirma, é apenas a percepção de acordo ou desacordo de nossas ideias: mas quem sabe o que estas ideias podem ser? Se isto for verdadeiro, as visões de um entusiasta e os raciocínios de um homem sóbrio deverão ser igualmente evidentes. Não consiste em verificar o que são as coisas, de sorte que um homem observa apenas o acordo de suas próprias imaginações e se expressa em conformidade com isso, sendo, pois, tudo verdadeiro, tudo certeza. Tais castelos no ar serão fortalezas da verdade como as demonstrações de Euclides. Uma harpa não constitui um centauro: revelamos, por este meio, um conhecimento tão certo e tão verdadeiro como o que afirma que o quadrado não é um círculo.

'Mas para que serve todo este conhecimento refinado das próprias imaginações dos homens que pesquisam a realidade das coisas? Não importa o que são as fantasias dos homens, trata-se apenas do conhecimento das coisas a ser capturado; unicamente este valoriza nossos raciocínios e mostra o predomínio do conhecimento de um homem sobre o outro, dizendo respeito às coisas como realmente são, e não de sonhos e fantasias'.

II. Resposta: não exatamente, onde as ideias concordam com as coisas. A isto respondo: se nosso conhecimento de nossas ideias termina nelas, e não vai além disso, onde há algo mais para ser designado, nossos mais sérios pensamentos serão de pouco mais uso que os devaneios de um cérebro louco; e as verdades construídas deste modo não pesam mais que os discursos de um homem que vê coisas claramente num sonho e com grande segurança as expressa. Mas espero, antes de terminar, tornar evidente que este meio de certeza, mediante o conhecimento de nossas ideias, vai um pouco além da pura imaginação; e acredito que será mostrado que toda a certeza das verdades gerais pertencentes a um homem não se encontra em nada mais."

Locke.

"Aristóteles e Locke consideram que o conhecimento se realiza por graus contínuos, partindo da sensação até chegar às ideias. [...] Para o racionalismo, a fonte do conhecimento verdadeiro é a razão operando por si mesma, sem o auxílio da experiência sensível e controlando a própria experiência sensível. Para o empirismo, a fonte de todo e qualquer conhecimento é a experiência sensível, responsável pelas ideias da razão e controlando o trabalho da própria razão."

Marilena Chauí.

Considerando os textos acima que versam sobre a noção de conhecimento moderna e, especificamente, sobre a noção de conhecimento em Locke, é INCORRETO afirmar que:

A) a teoria do conhecimento de John Locke se caracteriza por criticar fortemente a ideia de que o conhecimento funda-se em ideias inatas.

B) é possível, segundo Locke, construir uma ciência mesmo que as ideias formadoras de seu corpo de conhecimento não concordem com as coisas mesmas.

C) a teoria do conhecimento de Locke pretende demonstrar uma tese: nosso conhecimento é fundado na experiência sensível e na experiência interna.

D) verdades derivadas de ideias que não encontram nenhum referencial em sensações, pelo menos em sua base, não passam de devaneios da imaginação.

E) acordo ou desacordo de nossas ideias, segundo Locke, produz o conhecimento que temos do mundo e quanto mais precisa for esta relação, mais próximos estaremos da verdade.

Comentários

Há uma querela entre empiristas e idealistas, entre aqueles que privilegiam o objeto e estes que privilegiam o sujeito – entre uns que privilegiam as sensações e outros que privilegiam as ideias. Essa querela é antiga, desde Platão e Aristóteles ela está presente. Apenas no século XVIII através da preciosa reflexão de Kant que uma resposta organizada ao redor de um "meio-termo" aparece e apenas no século XIX com Husserl a própria questão do *grande racionalismo* é reformulada.
"*Na época do assim chamado grande racionalismo (séc. XVII), ocorre uma proliferação de filosofias que pode ser vista como sintoma de um descompasso entre o evidente aumento do poder explicativo da ciência moderna e o anseio da filosofia em desvendar os fundamentos últimos dos processos que tornam possível o conhecimento e, por conseguinte, este progresso. É exemplar, nesse sentido, a grande quantidade de sofisticadas respostas à questão tida por todos como fundamental neste momento: como se dá a relação entre matéria e espírito? Apesar de possuírem naturezas evidentemente distintas estas duas realidades devem poder-se comunicar, caso contrário não haveria passagem possível da percepção das coisas materiais para a enunciação de discursos científicos sobre a realidade e nem desta para a produção das tecnologias que a transforma e domina*". (MARÇAL, J. (Org.) *Antologia de textos filosóficos*. Curitiba: SEED-PR, 2009, p. 102.)

Gabarito: B

---

22. (Ufu 1999)

Na obra *Crítica da Razão Pura*, Imannuel Kant, examinando o problema do conhecimento humano, distinguiu duas formas básicas do ato de conhecer.

Assinale a alternativa correta.

A) O conhecimento religioso e o conhecimento ateu.

B) O conhecimento mítico e o conhecimento cético.

C) O conhecimento sofístico e o conhecimento ideológico.

D) O conhecimento empírico e o conhecimento puro.

E) O conhecimento fanático e o conhecimento tolerante.

Comentários

Kant distingue duas formas de conhecimento, a saber: o conhecimento empírico, ou *a posteriori*, e o conhecimento puro, ou *a priori*. O conhecimento empírico é aquele obtido através da experiência sensível e não pode ser desvinculado das impressões sensíveis. Na afirmação, "a parede é branca", o conhecimento específico sobre a percepção sensível daquele fenômeno expõe um conhecimento que é pontual, isto é, contingente e particular – característica própria dos conhecimentos sintéticos *a posteriori*. Já o conhecimento puro é aquele obtido através unicamente de uma atividade intelectual sem qualquer influência da experiência sensível. Na afirmação, "todo corpo é extenso", o conhecimento específico não depende de qualquer maneira do conhecimento sensível, pois o conceito de corpo pressupõe o conceito de extensão de tal modo que um é simplesmente impensável sem o outro – todavia, o conhecimento contido na tal afirmação é tautológico, ou seja, é um juízo analítico e os juízos deste tipo não são interessantes para a ciência, pois não enriquecem o conhecimento. Os únicos juízos que enriquecem o conhecimento são juízos sintéticos *a priori* através dos quais o predicado anunciado é unido ao conceito do sujeito de maneira universal e necessária como, por exemplo, no juízo, "todos os corpos se movimentam".

Gabarito: D

---

23. (Uel 2007)

Leia o texto a seguir:

"Não há dúvida de que todo o nosso conhecimento começa com a experiência; [...] Mas embora todo o nosso conhecimento comece *com* a experiência, nem por isso todo ele se origina justamente *da* experiência".

Fonte: KANT, I. *Crítica da Razão Pura.* Tradução de Valério Rohden e Udo Baldur Moosburguer. São Paulo, Abril Cultural, 1980, p. 22.

Com base no texto e em seus conhecimentos sobre Kant, é correto afirmar:

A) Para Kant, só há conhecimento empírico.

B) A sensibilidade tem também uma função ativa na produção de conceitos.

C) O conhecimento de Deus é possível.

D) Conhecimento depende também de princípios *a priori*.

E) A razão pura é a fonte de nossos conhecimentos empíricos.

Comentários

Para resolver o impasse entre empiristas e racionalistas, Kant desenvolveu sua teoria do conhecimento procurando compreender a própria razão humana. Desta forma, Kant identificou três estruturas *a priori* da razão: a estrutura da sensibilidade, a do entendimento e a da razão propriamente dita. É através dessas estruturas que o sujeito pode conhecer alguma coisa.

Gabarito: D

---

24. (Unioeste 2009)

"Até agora se supôs que todo nosso conhecimento tinha que se regular pelos objetos; porém, todas as tentativas de mediante conceitos estabelecer algo a priori sobre os mesmos, através do que o nosso conhecimento seria ampliado, fracassaram sob esta pressuposição. Por isso tente-se ver uma vez se não progredimos melhor nas tarefas da Metafísica admitindo que os objetos têm que se regular pelo nosso conhecimento a priori, o que assim já concorda melhor com a requerida possibilidade de um conhecimento a priori dos mesmos que deve estabelecer algo sobre os objetos antes de nos serem dados". (Kant)

De acordo com o pensamento de Kant, é correto afirmar que:

A) o conhecimento resulta da ação dos objetos sobre nossa capacidade perceptiva, de modo que todo conhecimento deriva da experiência.

B) nada pode ser estabelecido sobre os objetos que não seja dado por eles ou por meio deles.

C) nosso conhecimento é regulado por princípios que se encontram em nossa mente; como tais, são anteriores e independentes de toda experiência.

D) é dispensável fazer uma crítica da Razão e dos limites e possibilidade do conhecimento.

E) a Metafísica se constituiu há muito tempo como disciplina que "encetou o caminho seguro de uma ciência" (Kant).

Comentários

A questão faz referência à "revolução copernicana" empreendida por Kant na Filosofia. Para superar a quimera entre os empiristas e os inatistas, esse filósofo alemão passou a focar seus estudos sobre o sujeito do conhecimento ao invés de somente considerar os objetos conhecidos. Segundo Kant, ainda que o sujeito conheça os objetos por meio da experiência, tal conhecimento ocorre somente porque o homem tem, em si, princípios que regulam a sua mente.

Gabarito: C

---

25. (Ufsj 2013)

Segundo David Hume, “Todo raciocínio abstruso apresenta um mesmo inconveniente”, porque:

A) “pode silenciar o antagonista sem convencê-lo; e para nos darmos conta de sua força, precisamos dedicar-lhe um estudo tão intenso quanto o que foi necessário para sua invenção”.

B) “impregna a mente humana com conceitos do idealismo que o induzem ao holismo moderno”.

C) “justifica a disposição que a mente humana tem para se inclinar ao silogismo moderno”.

D) “convida o raciocínio a enigmáticas considerações, direcionando-o ao ceticismo quinhentista”.

Comentários

O hábito é o grande guia da vida humana no sentido de que nenhuma questão de fato é resolvida por algo além dele. Como Hume diz, “*sem a ação do hábito, ignoraríamos completamente toda questão de fato além do que está imediatamente presente à memória ou aos sentidos*”

(D. Hume. **Investigações sobre o entendimento humano**. In *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 152).

Sendo assim, o homem é apenas capaz de crer que a relação de causa e efeito entre a chama e o calor, por exemplo, se mantenha persistente. A crença é um resultado necessário da mente observar regularidades – diferentemente da ficção que é uma formulação com aparência de realidade e sem um lastro sensitivo. Nesse sentido, um raciocínio impenetrável é inconveniente, pois estabelece uma ficção capaz de convencer pela sua aparência de realidade, porém incapaz de se demonstrar pela sua ausência de lastro sensitivo.

Gabarito: A

LISTA DE QUESTÕES

1. (Ufu 1998)

Na sua obra “Crítica da Razão Pura”, Kant formulou uma síntese entre sujeito e objeto, mostrando que, ao conhecermos a realidade do mundo, participamos da sua construção mental. Segundo Kant, esta valorização do sujeito (possuidor de categorias apriorísticas) no ato de conhecimento, representou, na Filosofia, algo comparável à:

A) previsão da órbita do Cometa Halley no sistema solar.

B) revolução de Copérnico na Física.

C) invenção do telescópio por Galileu Galilei.

D) Revolução francesa que derrubou o Ancien Régime.

E) invenção da máquina a vapor.

2. (Ufpa 2008)

Segundo Descartes, para se alcançar a verdade das coisas, isto é, o conhecimento certo e evidente, é necessário um método. É correto afirmar que esse método, proposto pelo autor,

A) valoriza a dúvida e estabelece, por meio de suas regras, que se deve tomar como ponto de partida as sensações e coisas particulares para, posteriormente, se ascender aos axiomas mais gerais.

B) consiste no modo seguro e certo de se “aplicar a razão à experiência”, isto é, de se aplicar o pensamento verdadeiro aos dados oferecidos pelo conhecimento sensível.

C) dá ênfase à dúvida e ao modelo matemático de raciocínio como procedimentos que se devem utilizar para se alcançar a verdade e para se evitar os enganos e as opiniões prováveis.

D) estabelece, como caminho seguro para se atingir ideias claras e evidentes, o raciocínio silogístico, que parte de enunciados universais para enunciados particulares.

E) fornece os procedimentos adequados, de observação e experimentação, que possibilitam organizar e controlar os dados recebidos da experiência sensível, de modo a se obter um conhecimento verdadeiro sobre as coisas.

3. (Uem 2012)

Afirma o filósofo Galileu Galilei (1564-1642):

"A Filosofia encontra-se escrita neste grande livro que continuamente se abre perante nossos olhos (isto é, o Universo), que não se pode compreender antes de entender a língua e conhecer os caracteres com os quais está escrito. Ele está escrito em língua matemática, os caracteres são triângulos, circunferências e outras figuras geométricas, sem cujos meios é impossível entender humanamente as palavras: sem eles nós vagamos perdidos dentro de um obscuro labirinto".

(GALILEI, Galileu. *O ensaiador.* São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 119 – Coleção Os pensadores).

Segundo esse fragmento, é correto afirmar:

01) Conhecer algo natural implica poder traduzir as informações em conceitos matemáticos.

02) A matemática restringe-se ao estudo do Universo.

04) A matemática é uma língua não escrita.

08) A filosofia é o primeiro momento da investigação, que precede a matemática.

16) O estudo da filosofia identifica-se com o estudo da natureza.

4. (Uel 2008)

Leia o seguinte texto de Descartes:

Essas longas cadeias de razões, todas simples e fáceis, de que os geômetras costumam se utilizar para chegar às demonstrações mais difíceis, haviam-me dado oportunidade de imaginar que todas as coisas passíveis de cair sob domínio do conhecimento dos homens seguem-se umas às outras da mesma maneira e que, contanto que nos abstenhamos somente de aceitar por verdadeira alguma que não o seja, e que observemos sempre a ordem necessária para deduzi-las umas das outras, não pode haver, quaisquer que sejam, tão distantes às quais não se chegue por fim, nem tão ocultas que não se descubram.

(DESCARTES, R. *Discurso do método*. Tradução de Elza Moreira Marcelina. Brasília: Editora da Universidade de Brasília; São Paulo: Ática, 1989. p. 45.)

Com base no texto e nos conhecimentos sobre o pensamento de Descartes, é correto afirmar que:

A) Para Descartes, o conhecimento é obtido partindo-se da experiência, isto é, da observação da natureza, e depois generalizando os resultados de tais observações.

B) Segundo Descartes, qualquer coisa que a razão humana é capaz de conhecer pode ser alcançada, partindo-se de verdades evidentes, e aplicando a dedução lógica a essas verdades.

C) Para Descartes, é possível apenas obter um conhecimento aproximado, probabilístico, acerca de qualquer objeto, não sendo de modo algum alcançável o conhecimento da verdade, independente do assunto em questão.

D) Descartes pensa que, independentemente das premissas das quais se parte ao se procurar obter conhecimento sobre um determinado assunto, a verdade sobre tal assunto será alcançada desde que os princípios da lógica dedutiva sejam aplicados corretamente.

E) Para Descartes, não há verdades evidentes, de modo que para se obter conhecimento sobre qualquer assunto, é necessário realizar longas séries de demonstrações difíceis, como aquelas que são habitualmente desenvolvidas pelos geômetras.

5. (Uem 2013)

"É de grande utilidade para o marinheiro saber a extensão de sua linha, embora não possa com ela sondar toda a profundidade do oceano. É conveniente que saiba que era suficientemente longa para alcançar o fundo dos lugares necessários para orientar sua viagem, e preveni-lo de esbarrar contra escolhos que podem destruí-lo. Não nos diz respeito conhecer todas as coisas, mas apenas aquelas que se referem à nossa conduta."

(LOCKE, John. Ensaio sobre o entendimento humano. In: CHALITA, Gabriel. *Vivendo a filosofia*: ensino médio. 4.ª ed. São Paulo: Ática, 2011. p. 251).

Com base nessa citação em que John Locke considera os conhecimentos do marinheiro, é **correto** afirmar que:

01) o entendimento humano é ilimitado.

02) a profundidade do oceano é maior do que o instrumento de medida do marinheiro.

04) a medida da linha não precisa ser maior do que o necessário para orientar a correta navegação do barco.

08) a linha está orientada apenas em função da pesca.

16) a experiência empírica não é válida.

6.

Assentado, portanto, que a Escritura, em muitas passagens, não apenas admite, mas necessita de exposições diferentes do significado aparente das palavras, parece-me que, nas discussões naturais, deveria ser deixada em último lugar.

GALILEI, G. Carta a Benedetto Castelli. In: *Ciência e fé: cartas de Galileu sobre o acordo do sistema copernicano com a Bíblia*. São Paulo: Unesp, 2009. (adaptado)

O texto, extraído da carta escrita por Galileu (1564-1642) cerca de trinta anos antes de sua condenação pelo Tribunal do Santo Oficio, discute a relação entre ciência e fé, problemática cara no século XVII. A declaração de Galileu defende que:

A) a bíblia, por registrar literalmente a palavra divina, apresenta a verdade dos fatos naturais, tornando-se guia para a ciência.

B) o significado aparente daquilo que é lido acerca da natureza na bíblia constitui uma referência primeira.

C) as diferentes exposições quanto ao significado das palavras bíblicas devem evitar confrontos com os dogmas da Igreja.

D) a bíblia deve receber uma interpretação literal porque, desse modo, não será desviada a verdade natural.

E) os intérpretes precisam propor, para as passagens bíblicas, sentidos que ultrapassem o significado imediato das palavras.

7.

Todo o poder criativo da mente se reduz a nada mais do que a faculdade de compor, transpor, aumentar ou diminuir os materiais que nos fornecem os sentidos e a experiência. Quando pensamos em uma montanha de ouro, não fazemos mais do que juntar duas ideias consistentes, ouro e montanha, que já conhecíamos. Podemos conceber um cavalo virtuoso, porque somos capazes de conceber a virtude a partir de nossos próprios sentimentos, e podemos unir a isso a figura e a forma de um cavalo, animal que nos é familiar.

HUME, D. *Investigação sobre o entendimento humano*. São Paulo: Abril Cultural, 1995.

Hume estabelece um vínculo entre pensamento e impressão ao considerar que:

A) os conteúdos das ideias no intelecto têm origem na sensação.

B) o espírito é capaz de classificar os dados da percepção sensível.

C) as ideias fracas resultam de experiências sensoriais determinadas pelo acaso.

D) os sentimentos ordenam como os pensamentos devem ser processados na memória.

E) as ideias têm como fonte específica o sentimento cujos dados são colhidos na empiria.

8.

TEXTO I

Há já de algum tempo eu me apercebi de que, desde meus primeiros anos, recebera muitas falsas opiniões como verdadeiras, e de que aquilo que depois eu fundei em princípios tão mal assegurados não podia ser senão mui duvidoso e incerto. Era necessário tentar seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões a que até então dera crédito, e começar tudo novamente a fim de estabelecer um saber firme e inabalável.

DESCARTES, R. *Meditações concernentes à Primeira Filosofia*. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (adaptado).

TEXTO II

É de caráter radical do que se procura que exige a radicalização do próprio processo de busca. Se todo o espaço for ocupado pela dúvida, qualquer certeza que aparecer a partir daí terá sido de alguma forma gerada pela própria dúvida, e não será seguramente nenhuma daquelas que foram anteriormente varridas por essa mesma dúvida.

SILVA, F. L. *Descartes: a metafísica da modernidade*. São Paulo: Moderna, 2001 (adaptado).

A exposição e a análise do projeto cartesiano indicam que, para viabilizar a reconstrução radical do conhecimento, deve-se:

A) retomar o método da tradição para edificar a ciência com legitimidade.

B) questionar de forma ampla e profunda as antigas ideias e concepções.

C) investigar os conteúdos da consciência dos homens menos esclarecidos.

D) buscar uma via para eliminar da memória saberes antigos e ultrapassados.

E) encontrar ideias e pensamentos evidentes que dispensam ser questionados.

9.

Até hoje admitia-se que nosso conhecimento se devia regular pelos objetos; porém todas as tentativas para descobrir, mediante conceitos, algo que ampliasse nosso conhecimento, malogravam-se com esse pressuposto. Tentemos, pois, uma vez, experimentar se não se resolverão melhor as tarefas da metafísica, admitindo que os objetos se deveriam regular pelo nosso conhecimento.

KANT, I. *Crítica da razão pura*. Lisboa: Calouste-Gulbenkian, 1994 (adaptado).

O trecho em questão é uma referência ao que ficou conhecido como revolução copernicana na filosofia. Nele, confrontam-se duas posições filosóficas que:

A) assumem pontos de vista opostos acerca da natureza do conhecimento.

B) defendem que o conhecimento é impossível, restando-nos somente o ceticismo.

C) revelam a relação de interdependência entre os dados da experiência e a reflexão filosófica.

D) apostam, no que diz respeito às tarefas da filosofia, na primazia das ideias em relação aos objetos.

E) refutam-se mutuamente quanto à natureza do nosso conhecimento e são ambas recusadas por Kant.

10.

Para Platão, o que havia de verdadeiro em Parmênides era que o objeto de *conhecimento* é um objeto de *razão* e não de *sensação*, e era preciso estabelecer uma relação entre objeto

racional e objeto sensível ou material que privilegiasse o primeiro em detrimento do segundo. Lenta, mas irresistivelmente, a Doutrina das Ideias formava-se em sua mente.

ZINGANO, M. *Platão e Aristóteles*: o fascínio da filosofia. São Paulo: Odysseus, 2012 (adaptado).

O texto faz referência à relação entre razão e sensação, um aspecto essencial da Doutrina das Ideias de Platão (427–346 a.C.). De acordo com o texto, como Platão se situa diante dessa relação?

A) Estabelecendo um abismo intransponível entre as duas.

B) Privilegiando os sentidos e subordinando o conhecimento a eles.

C) Atendo-se à posição de Parmênides de que razão e sensação são inseparáveis.

D) Afirmando que a razão é capaz de gerar conhecimento, mas a sensação não.

E) Rejeitando a posição de Parmênides de que a sensação é superior à razão.

11.

TEXTO I

Experimentei algumas vezes que os sentidos eram enganosos, e é de prudência nunca se fiar inteiramente em quem já nos enganou uma vez.

DESCARTES, R. *Meditações Metafísicas*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

TEXTO II

Sempre que alimentarmos alguma suspeita de que uma ideia esteja sendo empregada sem nenhum significado, precisaremos apenas indagar: de que impressão deriva esta suposta ideia? E se for impossível atribuir-lhe qualquer impressão sensorial, isso servirá para confirmar nossa suspeita.

HUME, D. *Uma investigação sobre o entendimento*. São Paulo: Unesp, 2004 (adaptado).

Nos textos, ambos os autores se posicionam sobre a natureza do conhecimento humano. A comparação dos excertos permite assumir que Descartes e Hume:

A) defendem os sentidos como critério originário para considerar um conhecimento legítimo.

B) entendem que é desnecessário suspeitar do significado de uma ideia na reflexão filosófica e crítica.

C) são legítimos representantes do criticismo quanto à gênese do conhecimento.

D) concordam que conhecimento humano é impossível em relação às ideias e aos sentidos.

E) atribuem diferentes lugares ao papel dos sentidos no processo de obtenção do conhecimento.

12. (Ufu 2012)

Leia o trecho abaixo, que se encontra na *Apologia de Sócrates* de Platão e traz algumas das concepções filosóficas defendidas pelo seu mestre.

Com efeito, senhores, temer a morte é o mesmo que se supor sábio quem não o é, porque é supor que sabe o que não sabe. Ninguém sabe o que é a morte, nem se, porventura, será para o homem o maior dos bens; todos a temem, como se soubessem ser ela o maior dos males. A ignorância mais condenável não é essa de supor saber o que não se sabe?

Platão, A Apologia de Sócrates, 29 a-b, *In*. HADOT, P. *O que é a Filosofia Antiga?* São Paulo: Ed. Loyola, 1999, p. 61.

Com base no trecho acima e na filosofia de Sócrates, assinale a alternativa **INCORRETA**.

A) Sócrates prefere a morte a ter que renunciar a sua missão, qual seja: buscar, por meio da filosofia, a verdade, para além da mera aparência do saber.

B) Sócrates leva o seu interlocutor a examinar-se, fazendo-o tomar consciência das contradições que traz consigo.

C) Para Sócrates, pior do que a morte é admitir aos outros que nada se sabe. Deve-se evitar a ignorância a todo custo, ainda que defendendo uma opinião não devidamente examinada.

D) Para Sócrates, o verdadeiro sábio é aquele que, colocado diante da própria ignorância, admite que nada sabe. Admitir o não-saber, quando não se sabe, define o sábio, segundo a concepção socrática.

13. (Ueg 2013)

A ciência desconfia da veracidade de nossas certezas, de nossa adesão imediata às coisas, da ausência de crítica e da falta de curiosidade. Por isso, onde vemos coisas, fatos e acontecimentos, a atitude científica vê problemas e obstáculos, aparências que precisam ser explicadas.

CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2003. p. 218.

Com base na afirmação precedente pode-se afirmar que:

A) a ciência, ao contrário do senso comum, é um conhecimento objetivo, quantitativo e generalizador, que se opõe ao caráter dogmático e subjetivo do senso comum.

B) a ciência domina o imaginário contemporâneo. Isso significa que, cada vez mais, confiamos no testemunho de nossos sentidos que promovem uma adesão acrítica à realidade dada.

C) a ciência existe para confirmar nossas certezas cotidianas, utilizando um pensamento assistemático que despreza o trabalho da razão.

D) a rigor, a ciência complementa o senso comum, mas banindo os obstáculos e problemas observados por nossa percepção imediata das coisas.

14. (Uenp 2012)

A charge abaixo retrata a oposição **epistemológica** de duas escolas filosóficas cujos iniciadores podem ser considerados, respectivamente, Francis Bacon e René Descartes. Assinale a alternativa correta.

A) Empirismo X Criticismo.

B) Ceticismo X Existencialismo.

C) Empirismo X Racionalismo.

D) Racionalismo X Existencialismo.

E) Racionalismo X Ceticismo.

15. (Uem 2013)

Uma das obras de Platão (428-347 a.C.) mais conhecidas é *A República*, na qual se encontra o mito da caverna "Platão imagina uma caverna onde pessoas estão acorrentadas desde a infância, de tal forma que, não podendo ver a entrada dela, apenas enxergam o seu fundo, no qual são projetadas as sombras das coisas que passam às suas costas, onde há uma fogueira. Se um desses indivíduos conseguisse se soltar das correntes para contemplar, à luz do dia, os *verdadeiros objetos*, ao regressar, relatando o que viu aos seus antigos companheiros, esses o tomariam por louco e não acreditariam em suas palavras."

(ARANHA, M.L.A. e MARTINS, M.H. *Filosofando*: introdução à filosofia. 3.ª ed. revista. São Paulo: Moderna, 2003, p.121).

Sobre a citação acima e o alcance epistemológico do mito da caverna, assinale o que for **correto**.

01) As imagens produzidas na caverna são sombras que podem ser confundidas com a realidade.

02) A todo aquele que sai da caverna é vetada a possibilidade de retorno.

04) A imagem da fogueira se contrapõe, fora da caverna, à presença do sol, responsável pela verdadeira luz.

08) Tal qual o mito da Esfinge, decifrado por Édipo, Platão descreve três estados da humanidade: infância, juventude e maturidade.

16) Tal qual o mundo sensível, ilusório e efêmero, as imagens da caverna possuem um grau ontológico deficitário ou duvidoso.

16. (Ufu 2012)

O texto abaixo comenta a correlação entre ideias e impressões em David Hume.

Em contrapartida, vemos que qualquer impressão, da mente ou do corpo, é constantemente seguida por uma ideia que a ela se assemelha, e da qual difere apenas nos graus de força e vividez. A conjunção constante de nossas percepções semelhantes é uma prova convincente de que umas são as causas das outras; [...].

HUME, D. *Tratado da natureza humana*. São Paulo: Editora da Unesp/Imprensa Oficial do Estado, 2001. p. 29.

Assinale a alternativa que, de acordo com Hume, indica corretamente o modo como a mente adquire as percepções denominadas ideias.

A) Todas as nossas ideias são formas *a priori* da mente e, mediante essas ideias, organizamos as respectivas impressões na experiência.

B) Todas as nossas ideias advêm das nossas experiências e são cópias das nossas impressões, as quais sempre antecedem nossas ideias.

C) Todas as nossas ideias são cópias de percepções inteligíveis, que adquirimos através de uma experiência metafísica, que transcende toda a realidade empírica.

D) Todas as nossas ideias já existem de forma inata, e são apenas preenchidas pelas impressões, no momento em que temos algum contato com a experiência.

17. (Ufu 1998)

Para Santo Agostinho, o homem chega à verdade:

A) apenas pela fé em Deus.

B) pelo método alegórico aplicado à interpretação da Bíblia.

C) pela iluminação divina.

D) pela recordação da alma que estava junto a Deus.

E) pelos sentidos e pelo intelecto.

18. (Ufsj 2012)

Sobre a questão do conhecimento na filosofia kantiana, é **CORRETO** afirmar que:

A) o ato de conhecer se distingue em duas formas básicas: conhecimento empírico e conhecimento puro.

B) para conhecer, é preciso se lançar ao exercício do pensar conceitos concretos.

C) as formas distintas de conhecimento, descritas na obra *Critica da razão pura,* são denominadas, respectivamente, juízo universal e juízo necessário e suficiente.

D) o registro mais contundente acerca do conhecimento se faz a partir da distinção de dois juízos, a saber: juízo analítico e juízo sintético ou juízo de elucidação.

19. (Uncisal 2011)

No século XVIII, o filósofo Emanuel Kant formulou as hipóteses de seu idealismo transcendental. Segundo Kant, todo conhecimento logicamente válido inicia-se pela experiência, mas é construído internamente por meio das formas *a priori* da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias lógicas do entendimento. Dessa maneira, para Kant, não é o objeto que possui uma verdade a ser conhecida pelo sujeito cognoscente, mas sim o sujeito que, ao conhecer o objeto, nele inscreve suas próprias coordenadas sensíveis e intelectuais. De acordo com a filosofia kantiana, pode-se afirmar que:

A) a mente humana é como uma "*tabula rasa*", uma folha em branco que recebe todos os seus conteúdos da experiência.

B) os conhecimentos são revelados por Deus para os homens.

C) todos os conhecimentos são inatos, não dependendo da experiência.

D) Kant foi um filósofo da antiguidade.

E) para Kant, o centro do processo de conhecimento é o sujeito, não o objeto.

20. (Uenp 2012)

Analise a charge e as afirmações abaixo.

I. O conhecimento filosófico possui como critério de verdade a coerência lógico-argumentativa dos argumentos.

II. O conhecimento científico possui como critério de verdade a experimentabilidade e a possibilidade de verificação.

III. O conhecimento mítico-religioso possui como critério de verdade a crença.

IV. A tirinha do Calvin não problematiza a questão da verdade, apontando para a existência de apenas um tipo de conhecimento válido.

Estão corretas apenas as afirmativas:

A) I e II.

B) I, II e III.

C) I, III e IV.

D) II, III e IV.

E) I, II, III e IV.

21. (Unioeste 2013)

“I. Objeção: o conhecimento colocado em ideias deve ser todo uma pura visão. Não duvido que meu leitor, neste momento, deve estar apto para pensar que eu tenho estado todo este tempo construindo apenas um castelo no ar, e estar pronto para dizer: ‘Qual é o propósito de tudo isto? O conhecimento, você afirma, é apenas a percepção de acordo ou desacordo de nossas ideias: mas quem sabe o que estas ideias podem ser? Se isto for verdadeiro, as visões de um entusiasta e os raciocínios de um homem sóbrio deverão ser igualmente evidentes. Não consiste em verificar o que são as coisas, de sorte que um homem observa apenas o acordo de suas próprias imaginações e se expressa em conformidade com isso, sendo, pois, tudo verdadeiro, tudo certeza. Tais castelos no ar serão fortalezas da verdade como as demonstrações de Euclides. Uma harpa não constitui um centauro: revelamos, por este meio, um conhecimento tão certo e tão verdadeiro como o que afirma que o quadrado não é um círculo.

‘Mas para que serve todo este conhecimento refinado das próprias imaginações dos homens que pesquisam a realidade das coisas? Não importa o que são as fantasias dos homens, trata-se apenas do conhecimento das coisas a ser capturado; unicamente este valoriza nossos

raciocínios e mostra o predomínio do conhecimento de um homem sobre o outro, dizendo respeito às coisas como realmente são, e não de sonhos e fantasias'.

II. Resposta: não exatamente, onde as ideias concordam com as coisas. A isto respondo: se nosso conhecimento de nossas ideias termina nelas, e não vai além disso, onde há algo mais para ser designado, nossos mais sérios pensamentos serão de pouco mais uso que os devaneios de um cérebro louco; e as verdades construídas deste modo não pesam mais que os discursos de um homem que vê coisas claramente num sonho e com grande segurança as expressa. Mas espero, antes de terminar, tornar evidente que este meio de certeza, mediante o conhecimento de nossas ideias, vai um pouco além da pura imaginação; e acredito que será mostrado que toda a certeza das verdades gerais pertencentes a um homem não se encontra em nada mais." (Locke.)

"Aristóteles e Locke consideram que o conhecimento se realiza por graus contínuos, partindo da sensação até chegar às ideias. [...] Para o racionalismo, a fonte do conhecimento verdadeiro é a razão operando por si mesma, sem o auxílio da experiência sensível e controlando a própria experiência sensível. Para o empirismo, a fonte de todo e qualquer conhecimento é a experiência sensível, responsável pelas ideias da razão e controlando o trabalho da própria razão."

Marilena Chauí.

Considerando os textos acima que versam sobre a noção de conhecimento moderna e, especificamente, sobre a noção de conhecimento em Locke, é INCORRETO afirmar que:

A) a teoria do conhecimento de John Locke se caracteriza por criticar fortemente a ideia de que o conhecimento funda-se em ideias inatas.

B) é possível, segundo Locke, construir uma ciência mesmo que as ideias formadoras de seu corpo de conhecimento não concordem com as coisas mesmas.

C) a teoria do conhecimento de Locke pretende demonstrar uma tese: nosso conhecimento é fundado na experiência sensível e na experiência interna.

D) verdades derivadas de ideias que não encontram nenhum referencial em sensações, pelo menos em sua base, não passam de devaneios da imaginação.

E) acordo ou desacordo de nossas ideias, segundo Locke, produz o conhecimento que temos do mundo e quanto mais precisa for esta relação, mais próximos estaremos da verdade.

22. (Ufu 1999)

Na obra *Crítica da Razão Pura*, Imannuel Kant, examinando o problema do conhecimento humano, distinguiu duas formas básicas do ato de conhecer.

Assinale a alternativa correta.

A) O conhecimento religioso e o conhecimento ateu.

B) O conhecimento mítico e o conhecimento cético.

C) O conhecimento sofístico e o conhecimento ideológico.

D) O conhecimento empírico e o conhecimento puro.

E) O conhecimento fanático e o conhecimento tolerante.

23. (Uel 2007)

Leia o texto a seguir:

"Não há dúvida de que todo o nosso conhecimento começa com a experiência; [...] Mas embora todo o nosso conhecimento comece *com* a experiência, nem por isso todo ele se origina justamente *da* experiência".

Fonte: KANT, I. *Crítica da Razão Pura.* Tradução de Valério Rohden e Udo Baldur Moosburguer. São Paulo, Abril Cultural, 1980, p. 22.

Com base no texto e em seus conhecimentos sobre Kant, é correto afirmar:

A) Para Kant, só há conhecimento empírico.

B) A sensibilidade tem também uma função ativa na produção de conceitos.

C) O conhecimento de Deus é possível.

D) Conhecimento depende também de princípios a priori.

E) A razão pura é a fonte de nossos conhecimentos empíricos.

24. (Unioeste 2009)

"Até agora se supôs que todo nosso conhecimento tinha que se regular pelos objetos; porém, todas as tentativas de mediante conceitos estabelecer algo a priori sobre os mesmos, através do que o nosso conhecimento seria ampliado, fracassaram sob esta pressuposição. Por isso tente-se ver uma vez se não progredimos melhor nas tarefas da Metafísica admitindo que os objetos têm que se regular pelo nosso conhecimento a priori, o que assim já concorda melhor com a requerida possibilidade de um conhecimento a priori dos mesmos que deve estabelecer algo sobre os objetos antes de nos serem dados". (Kant)

De acordo com o pensamento de Kant, é correto afirmar que:

A) o conhecimento resulta da ação dos objetos sobre nossa capacidade perceptiva, de modo que todo conhecimento deriva da experiência.

B) nada pode ser estabelecido sobre os objetos que não seja dado por eles ou por meio deles.

C) nosso conhecimento é regulado por princípios que se encontram em nossa mente; como tais, são anteriores e independentes de toda experiência.

D) é dispensável fazer uma crítica da Razão e dos limites e possibilidade do conhecimento.

E) a Metafísica se constituiu há muito tempo como disciplina que "encetou o caminho seguro de uma ciência" (Kant).

25. (Ufsj 2013)

Segundo David Hume, “Todo raciocínio abstruso apresenta um mesmo inconveniente”, porque:

A) “pode silenciar o antagonista sem convencê-lo; e para nos darmos conta de sua força, precisamos dedicar-lhe um estudo tão intenso quanto o que foi necessário para sua invenção”.

B) “impregna a mente humana com conceitos do idealismo que o induzem ao holismo moderno”.

C) “justifica a disposição que a mente humana tem para se inclinar ao silogismo moderno”.

D) “convida o raciocínio a enigmáticas considerações, direcionando-o ao ceticismo quinhentista”.

Gabarito

1. Alternativa B
2. Alternativa C
3. 01 + 16 = 17
4. Alternativa B
5. 02 + 04 = 06
6. Alternativa E
7. Alternativa A
8. Alternativa B
9. Alternativa A
10. Alternativa D
11. Alternativa E
12. Alternativa C
13. Alternativa A
14. Alternativa C
15. 01+04+16=21
16. Alternativa B
17. Alternativa C
18. Alternativa A
19. Alternativa E
20. Alternativa B
21. Alternativa B
22. Alternativa D
23. Alternativa D
24. Alternativa C
25. Alternativa A

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Muito bem, querido concurseiro. Se chegou até aqui é um bom sinal: o de que tentou praticar todos os exercícios. Não se esqueça da importância de ler a teoria completa e sempre consultá-la. Não esqueça dos seus objetivos e dedique-se com toda a força para alcança-los. Sonhe alto, pois "quem sente o impulso de voar, nunca mais se contentará em rastejar". Te encontro na nossa próxima aula.

Bons estudos, um grande abraço e foco no sucesso.

Até logo...

Prof. Sérgio Henrique Lima Reis.

ESSA LEI TODO MUNDO CONHECE:
PIRATARIA É CRIME.

Mas é sempre bom revisar o porquê e como você pode ser prejudicado com essa prática.

1.

Professor investe seu tempo para elaborar os cursos e o site os coloca à venda.

2.

Pirata divulga ilicitamente (grupos de rateio), utilizando-se do anonimato, nomes falsos ou laranjas (geralmente o pirata se anuncia como formador de "grupos solidários" de rateio que não visam lucro).

3.

Pirata cria alunos fake praticando falsidade ideológica, comprando cursos do site em nome de pessoas aleatórias (usando nome, CPF, endereço e telefone de terceiros sem autorização).

4.

Pirata compra, muitas vezes, clonando cartões de crédito (por vezes o sistema anti-fraude não consegue identificar o golpe a tempo).

5.

Pirata fere os Termos de Uso, adultera as aulas e retira a identificação dos arquivos PDF (justamente porque a atividade é ilegal e ele não quer que seus fakes sejam identificados).

6.

Pirata revende as aulas protegidas por direitos autorais, praticando concorrência desleal e em flagrante desrespeito à Lei de Direitos Autorais (Lei 9.610/98).

7.

Concurseiro(a) desinformado participa de rateio, achando que nada disso está acontecendo e esperando se tornar servidor público para exigir o cumprimento das leis.

8.

O professor que elaborou o curso não ganha nada, o site não recebe nada, e a pessoa que praticou todos os ilícitos anteriores (pirata) fica com o lucro.

Deixando de lado esse mar de sujeira, aproveitamos para agradecer a todos que adquirem os cursos honestamente e permitem que o site continue existindo.